

Faculdade de Conchas - FACON

ASSUMPTA ANNITA TRAVASSOS

Uma Biblioteca de Portas e Janelas Abertas

Narrativas da experiência de uma bibliotecária com práticas leitoras por meio da oralidade.

**Trabalho de conclusão de curso *A Arte de Contar Histórias. Abordagens Poética, Literária e Performática*, apresentado como exigência para obtenção do título de especialista junto ao Programa de Pós-graduação Lato Sensu da Faculdade de Conchas – FACON.
Orientadores: Prof. Dr. Giuliano Tierno e Profa. Ms. Letícia Liensenfeld Erdtmann**

São Paulo

2016

Resumo: Esse trabalho procura apresentar e analisar um memorial entre os anos de 1980 a 1991 sobre a ação cultural nas Bibliotecas Públicas Infanto-Juvenil de Vila Maria (atual B.P. Álvares de Azevedo) e Narbal Fontes, por meio da reconstrução das memórias da pesquisadora. As experiências relatadas partem dos desafios encontrados no contexto das bibliotecas do início dos anos de 1980, pois a procura pela biblioteca pública da cidade de São Paulo era escassa e suas salas estavam bastante vazias, iniciou-se nesse período em ambas as bibliotecas ações culturais com vistas a receber novos interessados e acolher da melhor forma os usuários que procurassem aqueles equipamentos públicos. As ações lembradas e pensadas nesse artigo vão desde a mediação de acervo até a animação de leitura por meio da narração oral de histórias.

Palavras-chave: Memória, narrador, mediação, biblioteca.

Sumário

Introdução O trajeto de uma bibliotecária _____	04
Capítulo 1 – Baú de Memórias _____	06
Capítulo 2 – Salas de Leitura _____	12
Capítulo 3 – Sobre A Arte de Contar Histórias em Bibliotecas _____	20
Conclusão _____	44

Introdução | O trajeto de uma bibliotecária

Trabalhei como bibliotecária durante vinte e cinco anos em duas Bibliotecas Infanto-Juvenis da Prefeitura de São Paulo. Esta trajetória de vida é a que pretendo reviver através do espaço de evocação, de lembranças, de recordações e de tudo aquilo que está guardado em minhas memórias.

Estou tentando reviver como realizei as transformações da minha experiência de vida, para poder chefiar as duas Casas de Cultura, de 1980 a 1984 e de 1984 a 1991, respectivamente, e direcionar os rumos destas bibliotecas, para o desenvolvimento da leitura em todas as salas.

As realidades físicas das duas Casas eram completamente diferentes. Mas ambas tinham em comum a mesma pontuação negativa. Ninguém gostava, até onde sei, de trabalhar em Sala de Leitura. Em ambas as bibliotecas, as salas eram bem arrumadas e cheias de flores, mas, **leitor, nenhum**. A memória vai nos mostrar o que fomos e o que fizemos, pois o acervo de dados é o que nos permite traçar a direção para um futuro.

É por meio destas recordações que são singulares e que não pertencem a mais ninguém além de mim é que vou procurar narrar este trabalho. Como diz Ivan Izquierdo em seu livro (2011: p.12):

O conjunto de memórias de cada um determina aquilo que denomina personalidade de forma de ser”, continuando disse “cada pessoa possui a sua memória, o acervo das memórias de cada um nos converte em indivíduos.

Penso que o melhor exercício para a memória é a leitura. O mediador ou narrador de linguagens verbais e não-verbais é o elemento principal entre o leitor e o acervo, onde está contida a informação a ser transmitida. O contador de história deveria ser o vínculo capaz de transportar com naturalidade e segurança o seu saber e ser o mediador entre os livros e os ouvintes.

Quanto maior a capacidade de recriação do narrador ou mediador e as lembranças de suas vivências infantis, tanto mais sério será o trabalho de iniciação à mediação. Só brincando é que o ser humano aprende a ser criativo e assim descobrir o seu próprio self. Toda a base do que aprendemos durante a nossa vida acontece na fase da infância. Todo esse aprendizado permanece vivo dentro de nós.

Sabemos que a memória e a experiência são as bases da sabedoria. Um ambiente agradável com ótimos contadores fizeram com que a experiência do narrar história e a leitura como um todo, nas salas de leitura destas duas Casas de Cultura, fosse uma experiência de viver, viver plenamente, através do fazer, do informar e do recrear.

Com a experiência de vida adquirida ao longo dos anos e através de cursos e vivências, percebi que as memórias foram se solidificando, através do trabalho realizado.

Capítulo 1 – Baú de Memórias

1.1. A Pesquisa: Sobre mexer nos arquivos pessoais, institucionais e afetivos

Como é necessário para o bem viver, na convivência com os outros indivíduos será necessário consultar outras pessoas, outras memórias, pois cada um guarda as suas experiências e as informações que adquire.

Consultamos o jornal Gazeta da Zona Norte, o mais eficiente veículo de comunicação, de toda a zona norte da capital. Semanalmente o jornal era distribuído para 400 mil leitores. Fomos lá à procura dos jornais da época em que eu trabalhei na Biblioteca Narbal Fontes, de 1984 a 1991, como chefe, pois nesse período foram registradas semanalmente, todas as programações. Lá na Redação, me responderam que constituíram um arquivo dos jornais na Biblioteca Pública Nuto Santana. Fui correndo atrás dessas lembranças, dessa grande preciosidade. Mas sabe o que ficamos sabendo pela Regina Helena, que nos atendeu com muita alegria e satisfação?

– Que os jornais lá arquivados foram para o “lixo”, para o melhor arejamento da biblioteca. Eles vieram e retiraram tudo o que acharam que iria servir para o presente.

Eu pergunto: Essas pessoas ainda estão na direção da Cultura e continuam com seus empregos? Pobre da Cultura, pobre da Memória. Será necessário explicar a essas pessoas o que a Memória representa para a história de um lugar, de uma escola, de um bairro.

Fomos no Arquivo Histórico Municipal de São Paulo, onde encontramos uma pequena pasta com alguns artigos da Gazeta da Zona Norte. O resto foi descartado. Somente na Revista do Arquivo Municipal no. 64, de 1940, fala de Bibliotecas Infanto-Juvenis, pela fala da curadora dona Lenira Fracarolli.

Fui visitar a biblioteca da Vila Maria. Encontrei publicações da Gazeta da Zona Norte a respeito da Semana do Trânsito, em que participaram 2.700 crianças e da peça dos alunos formados na Escola de Teatro da Vila Maria, “O Noviço”, que foram atividades realizadas durante a minha gestão.

Visitei a Coordenadoria do Sistema Municipal de Bibliotecas onde encontrei o histórico da Biblioteca Narbal Fontes e as reformas realizadas de 2005 para cá.

Não possuí nenhum relatório de Bibliotecas Infanto-Juvenis, enquanto que de Bibliotecas de adultos estão todos lá. Encontrei um relatório acerca das atividades efetuadas pela Biblioteca Narbal Fontes durante vários anos, assim como todos os projetos e exposições desenvolvidos.

Fui na Biblioteca Narbal Fontes e lá encontrei na documentação da sala de leitura e no Sótão, muito material, a respeito da programação.

No meu arquivo pessoal felizmente encontrei alguns documentos da época em que dirigia a biblioteca, inclusive alguns artigos do Jornal A Gazeta da Zona Norte, entre outros documentos que me fizeram lembrar mais fatos acontecidos naqueles anos.

Como profissional não foi difícil para mim dirigir as duas bibliotecas, já que possuía um histórico de vida e de aprendizado que me auxiliaram e muito na condução da vida e daquelas unidades de aprendizagem.

O que me lembro e muito bem é que quando eu estudava biblioteconomia encontrei um autor que falava a respeito do livro e da biblioteca, procurando expressar suas próprias idéias, sobre a função e os papéis da biblioteca. No livro *The Five Laws of Library Science*, o autor J. R. Ranganathan criou as cinco leis que são os princípios que devem reger o funcionamento de uma biblioteca. Naquela época, todas as regras para administrar e organizar estavam assentadas nestes princípios:

- “Os livros existem para serem usados”
- “A cada leitor, o seu livro”
- “A cada livro, o seu leitor”
- “Poupar o tempo do leitor”
- “A biblioteca é um organismo em expansão”

Para mim, a biblioteca era o centro gerenciador de uma comunidade e o bibliotecário seria o mediador do fluxo de informações e responsável pelo acesso eficiente, solucionando os problemas diários dos usuários, fazendo com que o material de leitura oferecido, fomentasse o gosto pela leitura, desenvolvendo os valores sociais e ajudando na qualidade de vida.

A Biblioteca Pública desenvolve o papel de incentivar a leitura, que é o enfoque principal neste espaço. É fonte de cultura, educação, informação e lazer.

Transformar a biblioteca em organismo dinâmico, funcionando como um centro de convivência para troca de experiências. Esse trabalho deve contribuir para a transformação do ser humano.

1.2. Estímulo do Aprendizado

Desde que iniciei meu trabalho, em 1978, pensava como melhorar o entendimento de cada um dos colaboradores. Queria que todos aprendessem a lidar com as coisas da biblioteca. Trabalhar com leitura não é fácil assim. É preciso muitas qualidades, como gostar de crianças e jovens; brincar com elas e saber se relacionar com seus problemas de lições, e os da própria vida. É um doar constante, que o funcionário faz de si para os outros; ele intermedia a coleção de livros e os alunos, com a maior calma e faz todos os esforços para chegar ao seu objetivo.

Orientar meus funcionários foi um dos pilares da minha direção. Sentia-me feliz ao ver todos crescendo. Procurei dominar as finalidades e as necessidades e para isso, aproveitei todas as oportunidades que garantissem o sucesso do empreendimento.

A biblioteca deveria crescer, mas também, deveriam crescer junto, os seus funcionários. Eles eram então estimulados a participar de palestras, ensaios de grupos de trabalho de leitura, assistir as tardes literárias do Projeto Escritor Brasileiro 1980.

Já em 1981, na Biblioteca de Vila Maria estiveram muitos escritores que após as suas apresentações ficavam com o grupo conversando de como foi a obra para fazer os seus livros e iam falando a respeito de histórias. Era uma conversa muito animada e descontraída e todos aprendiam. Entre eles podemos lembrar de alguns nomes, como: Noemia K. Pizani Gerubio, doutora Maria Tricânico, Odete de Barros Mot, Vera Campos Ferrão, entre outros.

Recordamos que em 1983 estiveram nas tardes literárias, nomes como Viviane de Assis Viana, Maria Helena Penteado, Maria Lucia Ramos, Eduardo Piochi e Eva Furnari. Todos deixaram bons ensinamentos, para os funcionários de como contar histórias.

Éramos em 15 funcionários: 3 bibliotecárias e eu; 5 auxiliares de biblioteca, 2 escriturárias, 1 auxiliar de cozinha, 2 serviçais e 2 guardas-noturnos.

Todos os funcionários estavam habituados a pegar os livros que já sabiam de antemão onde estavam as pesquisas e davam aos leitores. Os livros já estavam separados nas estantes.

Somente com a entrada de funcionários bibliotecários foi que o serviço de pesquisa começou a funcionar direito. Foi ensinado como se fazer uma pesquisa. Como se encontrar um título no catálogo, depois pegar o livro na estante e mais outros livros, para depois dar ao leitor, para que o mesmo pudesse escolher o que melhor seria para o seu trabalho. Foi preciso um ensinamento amplo para se ter um bom resultado em termos de pesquisa, não em termos de atendimento, que era enorme.

Todos ótimos funcionários, mas, nem todos tinham o segundo grau completo. Depois de alguns anos quase todos os funcionários foram terminando o seu ciclo de aprendizagem. Lembro-me de uma servente, que foi se formar em professora. Todos procurando se valorizar, para trabalhar melhor. Precisamos valorizar o trabalho dos funcionários, mas eles precisam ser bem orientados, aumentando assim a autoestima e também a promoção em relação à sua cidadania e ao convívio melhor com seus colegas de trabalho e com os seus.

No serviço de pesquisa, os funcionários eram quase que obrigados a lerem os textos antes para depois passarem para o leitor e, com isto, eles estavam aprendendo também, se enriquecendo.

Fui transferida para a Biblioteca Narbal Fontes em 1984, que também tinha 16 funcionários; 3 bibliotecárias, 5 auxiliares de biblioteca, 2 escriturárias, 1 auxiliar de cozinha, 2 serviçais e 2 guardas-noturnos.

Naquela altura o Departamento de Bibliotecas Infanto-Juvenis, conscientizou-se de que era necessário, dar alguns cursos, para estimular os funcionários a desempenharem as suas funções. Ninguém sabia corretamente trabalhar em bibliotecas; era preciso aprender. Ter orientações e aceitação dos novos procedimentos.

Eu era a chefe que mais funcionários mandava para aprender as coisas novas. Alguns cursos foram feitos por funcionários que eram bons e precisavam melhorar a sua performance. Era o caso da Célia Otero. Ela foi fazer um curso de teatro de 3 anos, no Teatro Célia Helena. O curso de artes plásticas, de 2 anos, dado no Centro Cultural de São Paulo, foi frequentado por duas funcionárias.

Nessa mesma época, o professor Edimir Perrotti foi contratado pelo Departamento de Bibliotecas, com o curso: Curso de Formação em Monitores do “Quero Ler”. Para se inteirar de como trabalhar com esta nova filosofia de democratização da leitura. O projeto “Quero Ler” era baseado em leitura de histórias, na projeção de slides ou na interpretação de textos, com que as crianças eram motivadas para verem o poder real do mundo em que vivemos. O “Quero Ler” para aprender e poder entender bem, no final, a sua própria realidade. Uma vez por semana tínhamos aulas na BIJ Anne Frank, para distribuir o trabalho de leitura entre os funcionários.

Muitos cursos foram dados. Lembro-me de alguns:

3 funcionários em Arte-educação

3 cursos de dobradura avançado

2 cursos de história com Edimir Perrotti

1 Hora do Conto, com Regina Machado, nas oficinas culturais Três Rios.

Todos funcionários participaram do primeiro “SACI” (Primeira Semana de Ação Cultural e Integração):

- Biblioteca Pública e Formação Comunitária (SMA), curso coordenado pelo professor Max Browini.

- Brincando de casinha no Centro Cultural do Jabaquara;

- Oficina do Verde, para aprender a fazer horta, no Viveiro Manequinho Lopes;

E muitos outros cursos de pequena duração de 30 a 50 horas, para todos os funcionários que quisessem participar.

Todos os funcionários participaram da produção de um audiovisual, sobre as atividades da Narbal Fontes.

Cursos feitos pela chefia:

- Ação Cultural na ECA/USP
- Serviços de Informação e Educação na ECA/USP

Os funcionários que não tinham o segundo grau, terminaram e fizeram uma faculdade. Assim tivemos: Arte-educadores, Pedagogas, Administradores de Empresa, Artistas Plásticos. Assim tivemos uma equipe bem formada para uma programação excelente, feita com todo carinho. Só poderia dar como resultado, o maior índice de usuários na sala de leitura, na pesquisa e no “Sótão”. Aquele local, cheio de sonhos, onde todos queriam se reunir. O Sótão tinha ares de espaço mágico. A biblioteca toda guarda ares de castelo encantado.

Os escritores vinham fazer palestras com os jovens e depois, eram convidados a um encontro mais afetuoso com os funcionários, principalmente Alice. Lembro-me bem do escritor Luís Camargo.

Também quando reestruturaram a Secretaria de Educação do Município de São Paulo, incentivei uma professora primária, que estava fazendo pedagogia a ir trabalhar nessa Secretaria. E ela foi e foi bem classificada, com melhorias financeiras e de status social, com os trabalhos que ela apresentou da sua vivência da biblioteca infantil.

A chefia procurava estar presente em todos os cursos. Não só para aprender, mas, para melhor supervisionar os serviços referidos para que tudo estivesse a contento: materiais para os cursos, vídeos, slides, filmes, etc. E a preparação também de materiais para o depoimento de contar histórias. Mas para dar um ar de companheirismo a alguns funcionários, muitos deles eram deslocados de suas salas para ajudarem outras.

Aprendendo o que se passa fora da biblioteca, fora do lugar de trabalho, íamos procurando referências mil em outras Bibliotecas, Centros Culturais, Feiras, Congressos, Palestras e discussões de textos, Feira de Livros, o que nos trazia pequenas contribuições para o trabalho diário da biblioteca. Como eram muitas as referências, resultaram também num trabalho de conscientização maior dos funcionários, em relação à sua própria vida. E assim, aos poucos, todos os funcionários foram crescendo junto com a biblioteca.

Existiam também, as reuniões de treinamento dentro da biblioteca para discutir o trabalho que estava sendo feito. Sempre melhorando a estrutura do trabalho dentro da Unidade.

Dei plena liberdade de trabalho a cada funcionário dentro da sua sala e durante as suas programações. Jamais interrompi uma apresentação ou a escolha de um conto especial, respeitando assim, o objetivo de cada um, dentro do seu trabalho. Procurando motivar os funcionários para melhor desempenharem o que eles faziam.

Sabia que cada funcionário tinha o seu trabalho pré-determinado e com responsabilidade e liberdade de ação total.

Capítulo 2 - Salas de Leitura

2.1. As salas de leitura

Mas, o que dizer, se numa determinada biblioteca a **sala de leitura ficafechada** o tempo todo? O que fazer? Apenas abrir as portas, não resolve. É preciso dinamizar a posição dos livros, colocá-los para a leitura. Encontrar um funcionário que goste de criança e que goste também de contar, de ler e mostrar histórias.

Era uma sala onde pouquíssimos entravam e me perguntei: - "O que farei aqui? Porém, em primeiro lugar, tratei de buscar os livros que haviam marcado minha infância que foi uma experiência emocionante, pois encontrei as mesmas edições, que, certamente, me fizeram viajar no tempo e depois, iniciei um processo de conhecimento do acervo, considerando que só poderia indicar as leituras se soubesse o que havia ali. (informação verbal – Alice Bandini/Abril 2016)

O trabalho não foi fácil. Na Vila Maria a sala de leitura era muito grande e com todos os livros bem arrumados, flores por todas as salas, mas, estas, só serviam de reunião para os funcionários. Leitura, nada. Até encontrar alguém para tomar conta da sala e saber administrá-la.

Na biblioteca Narbal Fontes, a sala de leitura estava quase aberta e era dirigida por uma funcionária doente, muito cansada, com muitos problemas de vida. E a leitura, como ía? Nada, nada.

Conduzir um funcionário para a sala de leitura foi a tarefa mais difícil que encontrei. Pois ninguém queria trabalhar nela.

Dentre todos os funcionários, escolhi a Lindacil, que trabalhava na sala de pesquisa. Ela já tinha netinhos. Pensei: ela já sabe contar história. Convidei-a para dirigir a sala de leitura. De início ela estava meio temerosa.

2.2. Bibliotecas

2.2.1. A Biblioteca Infanto-Juvenil de Vila Maria

Depois chamada Biblioteca Infanto-Juvenil, do Departamento de Bibliotecas Infanto-Juvenis da Secretaria Municipal de Cultura da Prefeitura do Estado de São Paulo, hoje passou a se chamar Biblioteca Pública Álvares de Azevedo, da

Coordenadoria do Sistema Municipal de Bibliotecas, da Secretaria Municipal de Cultura da Prefeitura de São Paulo.

Fica situada na Praça Joaquim José da Silva, s/n, bairro Vila Maria, telefone (11) 2954-2813. Horário de funcionamento, de segunda a sexta, das 09 às 18h, sábado das 09 às 16h e domingo das 10 às 15h. Foi criada pela Lei 3.853, de 18 de março de 1950, pelo prefeito Lineu Prestes. E como diretora, a Sra. Lenira de Camargo Fracarolli. No dia 07 de setembro de 1956, às 15:30h, diretamente da Biblioteca Municipal, com o então prefeito Valdimir de Toledo Pizae a Sra. Lenira de Camargo Fracarolli, deu-se a inauguração. Os prédios inaugurados eram todos padronizados. Porém, em 1966 teve que ser ampliado, devido ao grande movimento de usuários. O prédio novo tinha dois pavimentos com ligação com a biblioteca padrão. Com a reforma, a sala de pesquisa ficou enorme. Comporta 112 crianças sentadas; a circulante ficou mais ampla. Na parte inferior do prédio novo foi feita uma renovação total na sala, não existindo mais separação: o ambiente é único, formando a sala infantil, música, recreação e jogos. Na parte superior foi instalado um auditório para 101 crianças sentadas. À direita do prédio foi instalada a biblioteca de adultos.

2.2.2. A clientela

A biblioteca atendia crianças de 03 a 16 anos: crianças da escola maternal, pré-escola, jardim de infância, 1º. grau de 1ª. à 8ª. série e todos aqueles que estivessem no 1º. grau. Os alunos do 2º.grau passaram a ser atendidos pela Biblioteca Pública de Adultos Alvares de Azevedo.

A biblioteca possuía 17 funcionários: 3 bibliotecários, 4 auxiliares de biblioteca, 2 escriturários, 6 auxiliares de serviços gerais, 1 guarda e 1 guarda-noturno.

A biblioteca estava toda enfeitada com vasos de antúrios e vasos de madeira, que davam uma frescura e tranquilidade a todo o ambiente.

2.3. Biblioteca Infanto-Juvenil Narbal Fontes

A Biblioteca Infanto-Juvenil Narbal Fontes, do Departamento de Bibliotecas Infanto-Juvenil da Secretaria Municipal de Cultura, da Prefeitura do Estado de São Paulo, hoje chama-se Pública Biblioteca Narbal Fontes; pertence à Coordenadoria do Sistema Municipal de Bibliotecas, da Secretaria de Cultura da Prefeitura de São Paulo.

Situa-se à Rua Conselheiro Moreira de Barros no. 170, em Santana. Atende de segunda a sexta-feira, das 09 às 18h, sábado das 09 às 16h; telefone (11) 2973-4461.

O prédio foi construído em estilo normando, onde residia a família Baruel. Tem dois andares. Na parte inferior funcionam a sala de pesquisa e a sala da administração. Na parte superior funcionam a sala de leitura, a circulante e o depósito de materiais. Acima do segundo andar temos um Sótão, usado para artes, cursos, palestras, apresentações musicais, apresentações de escritores, Horas do Conto, festas e jogos. Os jardins que rodeiam o prédio tem inúmeras árvores frutíferas, abacateiro, jabuticabeira, laranjeira e até alguns pés de café. A biblioteca é muito pequena e com pouco espaço para movimentação.

2.4. Sala de Leitura: Experiências

Em 1984 fui trabalhar na biblioteca de Santana, a Narbal Fontes, onde o problema na sala de leitura era igual – **ninguém pesquisando**.

Os funcionários eram mais receptivos para aprender coisas novas. O grande problema foi identificar entre os funcionários, qual o que iria dirigir a sala de leitura e fazer a Hora do Conto, com a contação de histórias.

Na Biblioteca da Vília Maria, observei por dias e verifiquei que Lindacil, auxiliar de biblioteca era a que mais se identificava com as crianças: falava, brincava, sorria o tempo todo com a meninada. Já era avó e contava histórias para os seus pequenos. Chamei-a para a Sala de Leitura. Ela veio toda temerosa. Com o correr do tempo ela aprendeu a lidar com os livros, colocá-los de outras formas, mostrar os livros, ler de diversas formas e até contar histórias. Aprendeu muito bem. Foi uma ótima contadora de histórias.

O maior trabalho foi partir para o ensino de como era um narrador; de que forma lidar com os livros, como contar: em voz alta, em voz baixa, recitando, lendo o livro ou, simplesmente, contando.

Foi um trabalho persistente e longo. Mas, ao final de algum tempo a funcionária estava bem preparada para exercer o seu cargo.

A escolha entre os funcionários foi bem difícil.

Esse funcionário seria um contador de histórias, de diversas maneiras e formas. E seria o veículo capaz de transportar com naturalidade e segurança, o seu saber, e procurar livros adequados para cada faixa etária. Contaria

histórias de um acervo de mais de 5000 livros de literatura infanto-juvenil e estabelecer a Hora do Conto nas salas de leitura.

O mediador ou o narrador de linguagens verbais e não-verbais é o elemento principal entre o leitor e o acervo, onde está contida a informação a ser transmitida.

O trabalho de mediação será melhor e produzirá melhores resultados, quando ele se perceber e ser capaz de ser como criança, naqueles espaços lúdicos de grandes criações. Quanto maior a capacidade de recriação do mediador ou narrador e de suas vivências infantis, tanto mais sério será o trabalho de iniciação na mediação.

A mediação parece ser um simples diálogo, mas na realidade, envolve uma série de condutas e que devem brotar imediatamente, no ato do atendimento.

A maneira de atendimento: com alegria, com afetividade, verificando se as diferentes idades, de cultura e de graus de ensino dando diferentes tipos de linguagens verbais e não-verbais disponíveis, para que o leitor possa usufruir da diversidade de materiais oferecidos. Quando o atendemos na sala, deve o mediador ou narrador receber o aluno com perguntas com as quais foram ditas – o diálogo.

A mediação é de capital importância. Brincando então entre eles, tornando a relação mais afetuosa, só aí é que se vai perguntar o que eles vieram pesquisar.

Na escolha do livro, eu procuro fazer com que a criança procure junto comigo, lendo os índices e separando os vários livros para que ele possa escolher o que melhor lhe servirá para organizar o seu trabalho.

Mas para que a mediação seja bem feita e dê bons resultados, é preciso que o narrador ou o mediador tenha tempo dedicado ao próximo, acima de tudo sentir-se criança e ter amor ao trabalho.

Paulo Freire (1977 : p. 24) nos diz:

Transformar o mundo através do seu trabalho, dizer o mundo, expressá-lo e expressar-se é próprio dos seres humanos. A educação, qualquer que seja o nível em que se dê, se fará tão mais verdadeira quanto mais estimula o desenvolvimento dessa necessidade radical dos seres humanos, a sua expressividade.

O agente cultural não trabalha junto com o grupo, mas ele propicia os meios e as atividades, tudo inferindo nos seus resultados. Ele faz brotar as atividades e para tanto precisa ser muito sutil e ter uma formação continuada.

O agente cultural ou narrador trabalha sozinho. Ele deve ter uma profissão de fé. Estar sempre presente, em contato com o meio em que procura agir: nos grupos, nas instituições e etc.

Esta relação que o agente cultural mantém, constitui o motor essencial do desenvolvimento da ação cultural.

O funcionário da sala de leitura precisa ter competência e aprendizagem. Seria necessário que os bibliotecários fizessem um curso para depois do curso de graduação, a respeito da ação cultural e como intermediar o acervo e o leitor. É preciso de técnica e um pouco de treino [...]:

Vemos que o segredo de uma boa narração está na simplicidade, mas é aqui onde falha a composição com o rouxinol, pois trata-se de uma simplicidade que é alcançada com muita preparação e controle, após um trabalho árduo para superar as dificuldades que envolvem. (SHEDLOCK, 2001 : p. 46)

Começamos a arrumar os livros de ilustrações mais perto da porta de entrada, com figuras grandes, brilhantes e bem pintadas. A criança chegando até a porta, sente vontade de entrar na sala, e começa pelo visual. Pega o livro, folheia-o, criando novas expectativas. Ela não está lendo, mas, penetrando mais a fundo em seu significado. A criança chega a conclusões e respostas próprias da história que inventa e das interpretações que faz desta leitura visual.

Tatiana Belinky, D.O. Leitura, Cultura, no. 152, fevereiro, 1966, nos diz:

Para estimular o gosto pela leitura, exponha o livro para a criança, nunca imponha. Deixe os livros sobre a mesa, na sala, no quarto, no banheiro, na estante. A criança precisa estar exposta ao livro, ela não é boba. Se vir o livro, com certeza vai abrir, olhar as figuras e se interessar. A influência familiar conta muito. Eu nunca vi meu avô e minha vó sem um livro na mão. O livro deve fazer parte do cotidiano das pessoas.

E assim as crianças iam se aproximando das estantes à procura de mais livrinhos.

2.5. A importância da ilustração

O funcionário tem que mostrar o livro com imagens pois são elas que contam a história. Assim, junto com a criança, pode-se perceber o que o ilustrador narra e como ele descreve as ações.

Segundo Luís Camargo, grande ilustrador e historiador (1991 : p. 121-122):

[...] livros de imagens são livros sem texto. As imagens é que contam as histórias. Os livros são com pouco texto em que o papel principal cabe à ilustração. Também podem ser chamados de livros de imagem.

Também disse a Cristiane Rogério nas suas aulas, na disciplina O Livro Infantil, trazendo uma frase de André Neves: “O que se deve acentuar é que nessa ultra-geração de ilustradores estão plantando as suas idéias com convicção. Não estão repetindo as palavras, mas, mostrando os seus próprios jardins do olhar”. Imagem do livro Entre as Ondas, 2013.

Noutra passagem, a professora Cristiane diz: “De um modo geral, o que chamamos de livro ilustrado é o que hoje chamamos de “novidade”. A literatura infantil está cada vez mais na busca de desafiar o leitor. Muitas vezes de forma aparente, com simplicidade. Introduzem antiguidade e os leitores são obrigados a chegar às suas próprias respostas, suas próprias resoluções e juntar forças com os autores e ilustradores da história e da interpretação”.

Sobre isto, Alice nos diz: “Foi um enorme desafio pra mim, lidar com os pequenos. Na primeira tentativa tentei contar a história mostrando as ilustrações, o que causou uma reação nas crianças que, querendo ver de perto, foram se chegando, chegando... até quase me sufocarem e comprometendo a “performance”. Essa situação em especial fez com que eu me dedicasse a preparar a história para contá-la sem o livro. Eu o apresentava às crianças, mas... o acesso a ele acontecia após a narração. Por outro lado, outros livros só de imagens estimulavam a criatividade delas e acabei por preparar algumas histórias utilizando trilha sonora e as imagens, para depois brincarmos. Foram ótimas experiências e olhares”.

Noutra passagem, temos outro depoimento de Alice: “Considerando que a leitura não se limita à decifração de códigos, mas também de observação, optei por trabalhar um livro apenas ilustrado. O objetivo é desenvolver a leitura de imagens e, a partir delas, a criatividade e o espírito crítico. A meta é aumentar

nas crianças e/ou adolescentes o interesse e, principalmente o prazer da leitura em suas diversas formas.”

Encontramos a pessoa com o perfil adequado. A partir daí, o movimento das salas de leitura foi aumentando progressivamente e começamos a trazer classes inteiras para a contação de história.

2.6. A importância da escuta

Ouvir, vem antes de começar a contar.

O autor Bachelard fala sobre a Fenomenologia das ressonâncias e da repercussão que uma obra de arte poética tem sobre o homem: “As ressonâncias se dispuseram nas diferentes palavras de nossa vida no mundo, a repercussão nos chama a um aprofundamento da nossa própria existência. Na ressonância ouvimos o poema, na repercussão nós o falamos, pois ele é nosso. A repercussão opera uma revirada do ser... Parece que por sua exuberância o poema desperta profundezas em nós. Para nos darmos conta da ação psicológica da poesia teremos, pois, de seguir duas linhas de análise fenomenológica: uma, que vai às exuberâncias do espírito e a outra que vai à profundidade da alma... Assim, a imagem que a leitura do poema nos oferece, faz-se verdadeiramente nossa. Enraíza-se em nós mesmos. Recebêmo-la, mas nascemos com a impressão de que deveríamos criá-la. A imagem se transforma num ser novo da linguagem e imprimi-nos fazendo o que ela exprime, ou seja, ela é no mesmo tempo, um devir de expressão e um devir de nosso ser.”

Para falar é preciso escutar. A escuta abre caminhos internos para se ter a real noção do que se está falando.

Ouvir a palavra é torná-la cheia de vida. Ouvir é fundamental. As crianças precisam primeiro ouvir a história. Ouvir o contar da história ou a leitura do livro para depois se manifestar.

“A escuta é fundamental. É um exercício para criar suas próprias imagens sobre o que ouve, para depois associar com a realidade que te cerca e pensar sobre isso, além da relação que se estabelece entre quem ouve e quem fala, que, será para sempre parte de mim. Se sou boa ouvinte, também sei o que necessito para ser boa contadora de histórias”. (Alice Bandini)

Procuramos explicar um pouco do que é ler em voz alta.

Quem lê em voz alta, lê um texto escrito. O leitor precisa trabalhar a voz e outros elementos como: o olhar, a palavra, a postura para fazer viver o texto. Tudo isso para imprimir os significados que nos indique o que o texto quer dizer.

Um grande autor, Zumthor, nos relata em seu livro *A Letra e a Voz* (1993. p. 19):

Quando um poeta interpreta, canta ou recita (de improviso ou de memória), sua voz por si só lhe confere autoridade: o prestígio da tradição contribui para valorizá-lo, mas o que integra à nossa tradição é a voz. Se o poeta ou interprete lê um livro, o que os ouvintes escutarem, a autoridade provém do lume do livro, como tal objeto visualmente percebido do espetáculo performático.

Mas na leitura em voz alta, o livro está sempre presente.

Na experiência de Alice Bandini sobre a leitura em voz alta, na sala de leitura da biblioteca, ela diz (informação verbal/ abril 2016):

Curiosa. No princípio não havia notado, mas, houve um momento que ler uma história de uma antiga edição, por exemplo, surtiu um efeito estranho nos ouvintes, uma vez que algumas palavras do texto tinham, na linguagem popular, adquirido outro significado, me obrigando, em alguns momentos a discutir a questão e/ou mudar a palavra por um sinônimo. Um momento forte foi quando, ao ler um conto para adolescentes, tive de dizer um palavrão que lá constava e um garoto, assíduo frequentador... indignado... levantou-se e disse: - "Impossível! Isso não pode estar escrito aí". Reli o trecho, mas ele só se convenceu quando leu ele mesmo o texto. O lado positivo foi o debate que se seguiu a respeito. Esses fatos vividos contribuíram para que eu fosse mais seletiva na hora de escolher o que ler em voz alta".

Na narração o suporte é o texto.

O livro sempre estará ausente quando substituído pelo suporte da memória.

O aprender de ouvido, ensina Larossa (2014 : p. 39):

Existem elementos da voz, precisamente os que não se pode articular: o gemido, o sussurro, o balbucio, o soluço, talvez o riso, que não se podem escrever, que necessariamente se perdem na língua escrita, assim como se perdem também os elementos estritamente musicais, como o ritmo, o sotaque, a melodia, o tom.

Capítulo 3 – Sobre A Arte de Contar Histórias em Bibliotecas

3.1. Preparando uma história

Com o correr do tempo começamos a ensinar os recursos de como se preparar uma história.

Em primeiro lugar, a contadora deve estar presente, de corpo e alma. Ser clara, ter boa memória, ter voz firme, mente segura, alma em paz e corpo expressivo. O aspecto físico é muito importante. É preciso fazer a ambientação do local para a contação de histórias. Cada criança deve estar bem acomodada, assim como também deve haver um espaço para o narrador que lhe dê a possibilidade de movimentação. O corpo do narrador fala e com seus jeitos, posturas e olhares, a palavra vai ganhando corpo. Evita-se o lugar barulhento com muito trânsito, pois as crianças desviariam a atenção do conto, transportando-se para outro local. Muitas vezes são jogadas almofadas pelo chão para que as crianças se acomodem.

O narrador precisa escolher bem a história que vai contar. Para quem; qual a idade; se é criança ou jovem; se é alfabetizada ou não.

Na prática de Alice, ela criou o seguinte roteiro:

- Selecionar textos cujos títulos me atraíam;
- Ler todos;
- Selecionar os que achei mais interessantes;
- Rerler e fazer nova seleção;
- História escolhida – rerler; copiá-la uma ou mais vezes; escrevê-la na íntegra e/ou por etapas; marcar textos que considero mais relevantes; escrevê-la novamente; contá-la em voz alta o quanto for necessário.
- Verificar se há ou não necessidade de inserir algum elemento cênico – porquê, o que, para que.
- Preparar a apresentação pensada.

Depois de escolhida a história, ler uma, duas, três ou mais vezes, quantas for necessário para que o conteúdo fique integrado no seu ser.

Você pode ler alto, ler baixo, ler olhando num espelho, ou talvez contando a história para outra pessoa. Quando você sentir que a história está no seu íntimo, você está preparado para dirigir suas palavras para outros ouvintes, que

absorverão a sua comunicação e dessa forma atingir o interior do leitor e daí gerar suas conclusões até ele chegar a sua criação. As palavras do contador tem que encontrar as crianças. O narrador deve narrar com o coração. Já falava Walter Benjamin, 1979: “O narrador é um mestre. É um sábio. É um homem bom conselho, o narrador encontra a matéria de seu relato na sua própria experiência e também na dos outros”.

O narrador deve a princípio ter o conhecimento dos efeitos emocionais que a história desperte no ouvinte. Deve ao escolher a história ter sempre o domínio das palavras, e segurança o suficiente para narrar a história. Deve conhecer os símbolos e o que os mesmos significam. Pois com eles, sabe-se muito do ponto que se vai contar.

Continuando as explicações para Lindacil, é necessário que você tenha tempo para procurar a história, gostar das crianças e jovens; escolher o local mais adequado para a contação e precisamos perguntar, que história vou contar, para quem contar, onde contar, como contar uma história.

O bom contador de histórias é aquele que oferece a história certa, no momento certo, para a pessoa certa...

De acordo com Alexandra Giordana (2007,p.168)

[...] é de grande responsabilidade do contador saber lidar com o texto, com emoção, adequação do corpo, a voz, as pausas e os silêncios, o olhar, o ritmo, o clima, com espontaneidade, a memória e a credibilidade e por fim muita naturalidade.

O conto é um instrumento de facilidades do despertar da imaginação criadora dos indivíduos, facilitando um mundo de transformações. Lindacil tornou-se mais hábil em procurar histórias e começou a estudá-las melhor e respondia às seguintes questões:

- Você gosta desta história?
- O que você pode dar para ela?
- É a história que nos escolhe, você verá

Aplique as palavras das histórias com todo o seu corpo presente e alma e você verá o comportamento das crianças que participam em ouvir a história pois elas vem com muita energia para aplicar todo este material que cada um está precisando dentro de si.

Alexandra Giordano comenta (2007 : p. 27):

A escrita de um conto da tradição oral oferece novas dimensões a nossa imaginação e sugere imagens singulares, porque cada uma tira significados diferentes do mesmo conto, e isto está ligado às necessidades momentâneas partindo para o mundo que o herói pode encontrar a sua individualidade e fazendo encontrar o outro com quem será capaz de “ser feliz para sempre.

O segredo de contar uma história é poder contá-la sempre com o coração e com a alma. Citando Alexandra Giordano (2007 : p. 168):

A história a ser contada é carregada de valores que devem conter linguagens bem construídas e que leva-nos a coisas novas. Trabalha-se aqui na formatação do conto. EN-FORMAR. Em seguida, a história é para IN-FORMAR. Como já dissemos acima, o segredo de se escolher uma história, é sempre narrá-la com o coração. Aqui desenvolve-se o processo afetivo com a narração que muitas vezes transforma e precisa ser transformado pelo amor, pela entrega do contador – é a TRANSFORMAÇÃO. Contar histórias é uma arte. Deve ser respeitado os passos da história: começo, desenvolvimento, clímax e o final. A narrativa é uma arte de EM-FORMAR para INFORMAR e para TRANSFORMAR.

Autores como Hermann Hesse (1975 : p. 34), nos ensina que:

O contador de história é um veículo capaz de transportar a credibilidade de um grande saber dos seres antepassados, oferecendo o caminho para quaisquer situação com naturalidade e segurança.

A preparação do narrador é antes, durante e depois de contar uma história.

Assim executamos uma ação cultural completa onde tudo é feito, pensado, racionalizado, para o entendimento do leitor, para a formação da criatividade, fazendo com que despertasse a imaginação e a fantasia.

A cada palavra do narrador, ressoa, ecoa e pode ser apreendida, saboreada, examinada e ritualizada.

3.2. Atividades pedagógicas realizadas após a contação de história

“A arte resgata o papel ético da escola e do processo de aprendizagem, tornando-o simultaneamente mais interessante, complexo, pelo encantamento necessário da realidade objetiva, materialista e economicista da ciência nas cidades modernas”.

Ana Mae Barbosa

Encontramos a escritora Nícia Grillo, 1996, que vem desenvolvendo a proposta pedagógica aprendendo a lidar com as histórias. Nos diz:

A criança participante vive a sua criatividade a partir da sua experiência, desenvolvendo a capacidade de leitura, e análise

e compreensão do texto de forma sensível e criativa. O outro importante fator é: proporcionarmos o crescimento do que é individual em cada ser humano.

Após a contação de história, as crianças faziam atividades de pintura, desenho e costura. Os materiais oferecidos, como cola, papel, lápis de cor, barbante, letras, números, cartolinas, pincéis, tintas, eram gratuitos. Os trabalhos eram expostos por toda a biblioteca, por representarem uma leitura visual. As crianças precisavam aprender a ler e a ver com os olhos as grandes maravilhas que estavam espalhadas, assim como eram os quadros de grandes artistas.

Nos jardins da biblioteca, eram realizadas várias atividades dentro da programação, como: capoeira, judô, mágicos, palhaços e muitos shows musicais.

Foi realizado um curso de teatro cujo trabalho final de encerramento foi a apresentação da peça “O Noviço” no dia 23/07/1983, às 20h.

O momento me faz lembrar do que li sobre as bibliotecas infanto-juvenis, dito por um jornalista, João Gualberto do Amaral: “São as Bibliotecas Infanto-Juvenis de São Paulo, guias de vocação, escolas de consumo”. E continuando: “A liberdade é o maior dos bens e cria a maior das virtudes: o senso de responsabilidade, tudo das bibliotecas infantis é de todos e por isso cada um cuida com o maior carinho dos livros, objetos e pertences da “sua” biblioteca, ficando todas as coisas ao alcance das mãos de cada um dos pequenos”.

Pela biblioteca passaram inúmeros escritores fazendo palestras e contando a respeito de seus livros. Entre eles, lembramos: Eduardo Piochi, Luiz Camargo, Clovis Araújo, Ruth Rocha, Eva Furnari, Norma Pisani Genillis, Marina Tricânico, Odete Moti, Viviana de Assis Viana, Maria Heloísa Penteado e muitos outros.

Muito importante para o desenvolvimento da biblioteca como referência em cidadania foram as campanhas educativas, como a Semana do Trânsito em São Paulo, com a participação de 2.700 crianças. Outra importante campanha foi um dia de visita à biblioteca infantil de Vila Maria; foram 1.200 crianças.

Lembramos aqui o que diz o prefeito de Bogotá, Henrique Peñalosa, “as bibliotecas precisam competir com os shoppings”. Nós adoramos a frase e procuramos imitá-los nestes projetos de mega-bibliotecas. Duas bibliotecas estaduais já foram construídas nesse modelo: a Biblioteca São Paulo, no Carandiru e outra é a Biblioteca Estadual do Parque Villa Lobos.

Lembro-me bem que o acompanhamento para o desenvolvimento da sala de leitura foi bastante emotivo, para dar a entender tudo aquilo que eu trazia na minha bagagem. Muita emoção. Muitas foram as reuniões. Os frutos compensaram, pela riqueza de ver e ouvir os alunos lendo e procurando mais livros e entrando tranquilamente na sala de leitura. Todos estavam felizes, pois a partir de agora os livros iriam fazer parte do cotidiano de cada um.

Em 1984 fui transferida para esta biblioteca e fiquei até 1997, quando me aposentei. Também aqui, peguei a biblioteca com necessidades urgentes de reformas. Do telhado do Sótão dava para ver as estrelas. Na reforma, trocaram as telhas do Sótão por material especial.

A realidade desta biblioteca era muito diferente da de Vila Maria. O movimento nas salas era muito pequeno, estas, eram muito apertadas. Comecei a trabalhar e procurar qual funcionário serviria para cada sala. Os funcionários para pesquisa trabalhavam muito bem e conheciam o acervo. Foram aplicados nesta época dois projetos para dinamizar mais o movimento e para despertar o maior interesse em ler. Foram dois projetos, se não me falha a memória. Projeto “Quero Viajar” e Projeto “Descobrimo o Porque das Coisas na Sala de Pesquisa”. Esses dois projetos deram muito certo e foram copiados por outros bibliotecários até de outros Estados. Diga-se de passagem que os funcionários eram mais adaptáveis a aprendizagem de nossos processos e talvez por isso conseguimos maravilhas nesta biblioteca. Sempre estava à frente dos serviços, com bastante atenção e cuidados para um bom atendimento. Este o motivo talvez que se consolidou para que hoje, depois de tantos anos, eu pudesse lembrar dos fatos alí acontecidos.

A sala de artes, jogos e festas ficava a cargo da Célia Otero, uma jovem muito inteligente e prestativa. Tudo o que ela produzia era perfeito e harmonioso. Logo a seguir chegou uma oficial da administração, Alice Bandini, que a princípio trabalhou na sala de pesquisa. Depois ela começou a trabalhar no Sótão junto com a Célia, na sala de artes e jogos. Lá a orientação era voltada para a leitura. Isso para que as crianças adquirissem o hábito da leitura, através do desenho, jogando ou lendo, fazendo quadrinhos ou vendo filmes e slides. Alice e Célia fizeram uma dupla maravilhosa. Bons encontros em todas as programações.

O Sótão era um lugar de inspiração. Tinha ares de espaço mágico, onde tudo é feito em termos de leitura, artes, jogos e lazer.

Enquanto isso na sala de leitura estava uma senhora com problemas mil. Ela não atraía ninguém para a sala. Transferí-a para a sala de pesquisa. Todos os funcionários acharam que eu fiz uma barbaridade para com ela. Na sala de pesquisa ela reagiu bastante e aprendeu a lidar com os assuntos da pesquisa. Foi ótimo para a biblioteca e para ela também, pois estava em local mais adequado para o seu perfil.

Nesta época o departamento estava administrando o curso de Literatura Infanto-Juvenil só para graduandos. Mas Alice tanto insistiu que conseguiu fazer o curso. “Saí de lá maravilhada, disse ela para mim, porque o professor Edimir Perrotti ajudou-me a descobrir e valorizar a mim mesma.” “Foi o ponto de ônibus que havia pedido para reiniciar uma nova caminhada e gostei da experiência”.

Nesta mesma época tivemos um curso de leitura em que rememorava a infância de cada um, para o trabalho com a leitura. Mia Couto, no livro “E se Obama fosse africano?”, disse: “A infância não é um tempo, não é idade, uma coleção de memórias. A infância é quando ainda não é demasiado tarde. É quando estamos disponíveis para aprendermos, para nos deixarem cantar. Quase tudo se adquire neste tempo. A verdade é que mantemos uma relação com a criança como se ela fosse a maior idade, uma falta, um estágio precário. Mas a infância não é apenas um estágio. É uma janela que fechada ou aberta, permanece viva dentro de nós”.

Aproveitamos esta oportunidade e fizemos reunião com os funcionários para saber como foi a infância de cada um. Todos relataram. Depois me entregaram em folhas de papel o seu depoimento. Lí e relí estes depoimentos. Achei muito interessantes os da Alice, que naquela altura já tinha sido convidada para tomar conta definitivamente da sala de leitura. Alí, ela interessou-se logo pelos livros que seu pai lhe contara as histórias e ficou muito satisfeita de lembrar a sua infância com as histórias ouvidas e contadas por seu pai, o seu herói.

Realmente foi difícil trabalhar com o acervo, mas, aos poucos foi aprendendo a manuseá-lo. Conseguiu logo se libertar e começar a interpretação de algumas obras já conhecidas. Como mediadora, participava dos serviços de formação e

educação desenvolvendo a motivação para ler. E despertar o interesse, o prazer da leitura e fazer dela um hábito constante.

A mediação não é outra coisa que um ato de encontro ao outro.

Relendo os relatórios da Alice, vi que eles eram ricos em detalhes e de uma pureza sem fim. Sobre a sua infância e a sua vida, trazidos a mim sobre lembranças guardadas na sua memória e pelos trabalhos desenvolvidos na Hora do Conto, com diferentes faixas etárias. Com a intenção de levar aos pequenos e grandes leitores, a despertar o gosto pela leitura. Fala assim o professor Edimir Perrotti, p. 97: “Assim, cada livro na mão de um menino ou uma menina, pode aparecer como possibilidades de um mundo finalmente revelado, sem mediações e nem segredos. Cada novo livro aberto é promessa de ver as coisas em estado bruto e libertá-las do nome, do castigo implacável de pai irado e egoísta, que não divide o mistério. Cada livro aberto é esperança de recuperar, de resgatar, de reaver a verdade perdida de desnudamento total das carnes do mundo”.

Para o mediador despertar o interesse e o prazer da leitura, ele deve procurar promover todos os meios disponíveis para organizar com antecedência várias atividades: A Hora do Conto, A Hora da História, Leitura feita pelos autores, Leitura de Textos, Exposições de Livros, Leitura em voz alta, amostra de livros, Leitura Silenciosa, discussões dos assuntos, Hora da Poesia, Trava-línguas, Feira de Livros, Feira de Trocas de Gibis, Desenhando a História, Ilustrando o Livro, Fazendo Dobraduras e muito mais. O trabalho com Dobraduras, vai-se contando histórias, com canções, trava-línguas e versos, enquanto se desdobra o papel. Tudo para facilitar a memorização com estímulo à criação de novos enredos.

Com a dificuldade em se encontrar pessoal habilitado para se trabalhar nas salas de leitura, o departamento de bibliotecas resolveu dar cursos de contar histórias de curta duração, com autores e contadores já conhecidos, devido à necessidade de promover as salas de leitura de todas as Bibliotecas. E principalmente orientar seus funcionários a aprenderem a contar histórias. E lá, aprenderam os primeiros passos para começar a contar história:

- a escolha da história
- a leitura silenciosa ou em voz baixa
- marcar os pontos principais

- contar a história olhando para o espelho
- dormir com a história diversas vezes

Quando estiver inteirado da história é que se pode começar a contar.

Como gestora eu ía fazer os cursos, não só para contar, mas, para saber no meu trabalho, o que pedir a meus funcionários e quais as crianças seriam convidadas, o tempo de duração e a preparação anterior à contação.

O departamento deu também cursos de manipulação de bonecos de pano para fazer teatrinho, onde se desenvolviam muitas histórias.

Tivemos curso de contação de história com a Regina Machado, onde aprendemos muitas coisas e que teve grandes influências em mim e na Alice, que já estava contando algumas histórias. “Ela brincava com os movimentos, com objetos que imediatamente, embevecidos no clima criado, nos remetia aos personagens, a outro tempo, a outro ambiente, tão vivos e fortes...” (p. 82, Fabiano Moraes – Lenice Gomes, A Arte de Encantar).

Chegando à biblioteca os funcionários sabiam que era necessário contar histórias e para isso é que lhes foi proporcionado assistir cursos. Não só os cursos de literatura, como também, outros tipos: de artes, jogos, quadrinhos, atividades ao ar livre, etc. Tudo servia de ferramenta para se procurar livros e contar, ler, reler e fazer projetos com aqueles conhecimentos adquiridos.

Como começar a contar história, se não souberem como fazê-lo? Em minha maneira de ver, o primeiro passo é gostar de ficar com crianças e jovens. Eles são barulhentos, alegres e risonhos. Eles estão com todo o vigor e querem aprender. É preciso ganhar a estima deles para depois começar qualquer trabalho.

O segundo passo é gostar de ler literatura Infanto-Juvenil.

O terceiro passo é ter tempo para ler, reler e preparar a história, pois cada história exige uma argumentação e interpretação diferente.

Preparar bem uma história não é nada fácil, depende do que vai se enfatizar: se o texto, se o corpo, se o objeto.

A escolha do conto, segundo Bricout, 1944 “O conto nos escolhe tanto quanto nós o escolhemos. Nós o levamos e ele nos leva. Esta mobilidade dos contos nós a percebemos, com certeza e de um contador para o outro, mas também de uma visão à outra, no mesmo contador. Pois o contador está escrito no instante”.

O conto é a matéria-prima do contador, por isso Roland Barthes escreve que *O texto que escrevo tem que dar prova de que ele me deseja e que a prova disso existe.* (1993, p. 13-14).

Às vezes você precisa usar a voz de diferentes modos, assim como o olhar, a movimentação do corpo, os gestos e etc.

Hoje, já temos autores como Molik que diz que a voz no organismo humano é como um veículo que traz a tona toda a vida.

A voz não é apenas o som nem apenas a respiração, como também a alma.

A voz conecta o corpo e a psique. É exatamente tudo ao mesmo tempo, é exatamente tudo, até mesmo a alma, no estudo de Molik (Campo, 2012): “Se considerarmos o pensamento de Molik, a voz é a nossa memória ancestral, nosso lar, que compartilhamos por meio de histórias”. (Campos, Giuliano, 2012).

E aos poucos, tudo foi aprendido por Alice e pelos cursos que frequentava. Ela era esforçadíssima e dedicava-se com empenho a estudar histórias antes de se apresentar.

Muitas e muitas vezes treinava a sua história lá no Sótão, com “os meninos do Sótão”, pois estavam lá quase todos os dias. Eles ajudavam a escolher a história, depois ler, reler e encontrar com as suas palavras o material necessário para a contação. Quando se narra uma história, a pessoa do narrador desaparece e só aparecem os personagens e os animais das histórias. Muitos desses meninos que hoje são moços, procuram Alice para recordar o tempo que estiveram no Sótão. Alguns levam seus filhos para que eles contem a história que ouviram.

A biblioteca fazia a divulgação de sua programação todo começo do ano, indo de escola em escola e conversando com professores e diretores, para que viessem participar da contação de história.

O nosso convite foi bem aceito. Daí surgiu a necessidade de programar os dias e horários que as classes vinham para assistir a programação da sala infantil “A Hora do Conto”.

Sendo assim, Alice sabia de antemão quem viria e quantos viriam para poder preparar o ambiente e principalmente a história que iria contar e também as atividades que faria depois da narração.

“Sim, especialmente no que se refere a trabalhar com crianças. Gosto muito de “brincar de teatro” após as histórias, quando possível, o que já me proporcionou momentos deliciosos e muito ricos em conteúdo e retorno anos depois, como o caso de um garoto, aluno do segundo grau, durante minha fase de estágio na área de Educação Artística, nas escolas. Perguntei se algum deles já tinha alguma experiência em teatro e ele levantou-se e narrou uma experiência vivida no ensino fundamental, numa das visitas à biblioteca, que era, justamente, a encenação de um trecho da história que eu havia narrado. Aparentemente simples, aquela “brincadeira” foi importante na vida dele.

As brincadeiras populares também são bem vindas, mas a escolhada brincadeira sempre é associada à história narrada de alguma forma.

As crianças ficavam um período de 2 horas e meia na biblioteca. Antes de terminar o horário, verificava-se o final que elas tinham criado para sua história. Depois era desenvolvida uma atividade complementar, com o objetivo do brincar com a história contada. “É no brincar e somente no brincar, que o indivíduo criança ou adulto pode ser criativo e realizar a sua personalidade integral e é somente sendo criativo que o indivíduo descobre o seu eu (self)”, Winnicott, D. W, O Brincar e a Realidade. Huizinga, Johan, Homo Ludens “A brincadeira é um modo de arrebatamento e entusiasmo...O sentimento de exaltação e tensão que acompanha a ação”.

Era muito cansativo, eu concordo, mas sem esse sacrifício, ou melhor, sem o amor aos livros e às crianças, não se poderia trabalhar. O diálogo era a forma preferida pela narradora Alice. Dialogando ela vai entrando no íntimo de cada criança e consegue descobrir, encontrar, o que é melhor para ela naquele exato momento e no contexto que ela vive.

Lembramos aqui um trecho de Marilena de Souza Chauí “O livro é preciso. O livro é um esplendor. O livro me conta o tempo, o livro me conta o espaço, o livro te faz pensar o que você pensou. O livro tem uma generalidade que pouquíssimas obras de cultura tem... Mas eu leio, o livro me faz pensar e me faz escrever. O livro é uma doação. Há uma grandeza no livro.”

Todos os funcionários participaram do curso de mediadores de leitura. Eles se beneficiaram com o aprendizado e isto resultou numa melhoria no atendimento do usuário, melhorando assim o relacionamento com o mesmo.

Conforme as crianças e jovens vão lendo e ouvindo histórias, vão acumulando experiências de leitura e assim descobrindo que é possível aprender, penetrar um pouco mais no universo da Literatura. Quando eles entendem um texto, resulta numa grande satisfação! Ler é como um jogo que se constrói e se reconstrói a cada novo encontro entre o leitor e o livro.

Para os jovens, eram desenvolvidos passeios culturais: livrarias, editoras, redações de jornais, estações de rádio, tudo para aumentar o incentivo à leitura e promover as relações entre os jovens. Estas visitas serviam para que eles verificassem “in loco” como se desenvolviam o trabalho destes profissionais. Retornando à biblioteca, eles recebiam para ler: livros, folhetos, a respeito de cada profissão.

Teve um ano que trabalhamos com crianças de 0 a 1 ano, crianças do maternal. Foi preciso orientar a funcionária a cada passo para mostrar os novos caminhos para este tipo de atendimento. Lá observou-se que os nenêns se encontravam com a melodia das frases e com o som mágico das palavras. O nenê ficava feliz e ia apontando para as gravuras. Às vezes os bebês dormiam abraçados com os livrinhos. Com isto, estávamos estimulando a linguagem tátil e visual. Cabe aqui repetir as palavras de Ziraldo: “Fazer um contato com livro mais ameno, tem que ser um ato de prazer. Não se deve cobrar a leitura, isso acaba sendo uma tortura e a criança rejeita. Deixar rasgar o livro, colorir, carregar o livro debaixo do braço, para cima e para baixo. É preciso falar com a linguagem do nosso leitor nenê iniciante, brincando, contando histórias, sem abrir mão da qualidade. Para este trabalho foram providenciados objetos em forma de livro de papel, de plástico e mesmo de livrinhos de pano. Livros-brinquedos que contam elementos em forma de textura, livros ilustrados, livros de imagens e outros. O serviço desenvolvido foi muito gratificante. No final do ano, as criancinhas queriam pegar o livro e a contadora.

Por falta de mais funcionários deixamos de realizar este trabalho que estava se desenvolvendo bem.

Hoje em dia os médicos recomendam ler e brincar com os nenêns, com objetos parecidos com o livro.

Hoje temos uma série de contadores fazendo A Hora do Conto para bebês bem pequenos, que vão acompanhados de suas mães, em qualquer lugar. Os

bebês são colocados no chão e ficam engatinhando, se movimentando, durante a apresentação, interferindo na história.

Também as crianças da pré-escola e dos primeiros anos escolares gostavam de ouvir e contar histórias fazendo dobraduras e cantando. É uma valiosa ferramenta da comunicação com as crianças, desenvolvendo sua coordenação motora, atenção e criatividade. A história vai sendo contada à medida que se dobra a folha de papel, tendo como fundo musical canções, parlendas, trava-línguas e versos. As crianças gostavam muito desta técnica de dobradura. Apresenta-se assim uma nova técnica de criar e recriar histórias. Constatamos pela observação que quanto maior for a capacidade de mediação dos mediadores, e de suas vivências infantis, tanto maior será o trabalho de iniciação com as crianças. Que o mediador tenha sempre tempo para procurar e ler livros, dedicação ao próximo e acima de tudo, lembrar-se da criança que ele foi.

3.3. Projetos e Exposições na Biblioteca

Foi aprovado na biblioteca que todas as salas tinham necessariamente que ter projetos que eram para ser aplicados em diversos horários e dias, para o maior desenvolvimento da leitura. Assim, tivemos os projetos:

Projeto “Descobrimo os porquês das coisas na pesquisa”. O projeto foi criado para desenvolver o ambiente de lazer, despertando o gosto pela leitura, através das várias descobertas encontradas na pesquisa. O objetivo maior era o incentivo ao hábito de pesquisar, orientando os usuários desde pequenos a ter acesso e criar desenvoltura no conhecimento do acervo, e assim, descobrimo o porquê das coisas na pesquisa. Assim, seriam atingidas as metas dos usuários e dos funcionários para melhor escrever, falar, ouvir, discutir e criar.

Por pouco tempo, antes deste projeto, tivemos um outro que foi **Projeto “Vamos Viajar”**, com seus respectivos passaportes de viagem, onde ficava escrito se a criança gostou ou não do projeto.

Para as salas de arte lá no Sótão, pensou-se no **Projeto “Fantoches Criatividade”**. Tínhamos uma funcionária, a Telma, que era uma exímia artista e sabia de tudo sobre bonecos de manipulação. Fazia representações quase

semanalmente na Biblioteca Narbal Fontes e na Biblioteca Monteiro Lobato, onde ela aprendeu a ser titiriteira.

Outra funcionária foi a Célia, também era excelente nas artes cênicas. Para tanto, ela foi fazer um curso no Teatro Célia Helena, para se aprimorar.

Para a sala de leitura desenvolveu-se o **Projeto “Quero Ler”**, que tornou-se um projeto do Departamento. Foi criado por Alice e outras funcionárias. O projeto foi para traçar uma linha de trabalho para todas as salas de leitura. O objetivo foi desenvolver a criatividade e o espírito crítico com o conhecimento de outras realidades e do conhecimento de si mesmo. O projeto estava dividido em três etapas:

- Trabalho individual
- Trabalho com grupos de crianças de 5 a 12 anos
- Trabalho na faixa etária de 13 a 16 anos

Criamos grupos de debates para discutir anseios, problemas, angústias e estimular outras atividades que viessem ao encontro de suas realidades. Esse projeto foi tão bom que passou a ser do Departamento de Bibliotecas da Prefeitura. Nosso projeto para a sala de leitura, passou a ser **Projeto “Quero Ler: Provocando Idéias e Participando”**.

Na gestão da Marilena Chauí como Secretária de Cultura, o **Projeto “Quero Ler”** foi substituído pelo **Projeto “Leitor Infinito”**, que passou a considerar a leitura como um todo e não só na sala de leitura infantil.

Em todos os cursos que eu pessoalmente participava, em outras escolas, no próprio Departamento, nos cursos de extensão universitária, em cursos de especialização, como o Curso de Ação Cultural, eu procurava sempre passar para os funcionários aquilo que aprendia.

3.4. Exposições

Considero as exposições muito importantes e que devem estar espalhadas pela biblioteca inteira, e sobre diferentes assuntos. Para festejar os aniversários de datas muito importantes, e que contribuíssem de uma forma geral, para estimular a formação de mentalidade dos usuários voltados para o exercício da sua cidadania.

O público alvo frequentador da biblioteca era constituído na maioria por crianças e jovens do bairro de Santana e adjacências, e que puderam mais

uma vez se conscientizar do espaço e participar ativamente das atividades de informação, expressão e comunicação, através das diferentes linguagens trabalhadas na biblioteca.

Lembro-me bem que no ano de 1989 muitas atividades foram relevantes.

As comemorações tiveram por objetivo:

- Festejar
- Reviver
- Participar
- Reflexão de cada criança nas diferentes datas lembradas por esta casa de cultura.

As exposições são importantes pois dão maiores informações através de uma forma informativa, ilustrativa e artística. Eram feitas pelas crianças, e pelos funcionários competentes, e eram vistas por todos os usuários que entravam na biblioteca. Eles viam, viviam e liam e pensavam a respeito dessa realidade possivelmente criando uma outra realidade.

As exposições eram planejadas e integradas com as atividades de todas as outras salas. Era um planejamento concentrado de todas as salas.

Quando a exposição era de grande valia, ficavam dois funcionários para sua manutenção e também para dar assistência aos que precisassem. Muitos destes funcionários fizeram a Hora do Conto, dando maiores informações de maneiras diferentes de ver o mundo que não a escrita.

Os professores mandavam os alunos copiar os dizeres das exposições e um resumo delas para fazer os trabalhos em classe.

O trabalho de integração das exposições era: na pesquisa, para consulta a respeito das palavras, termos usados na exposição e mesmo biografias; na sala de artes, no Sótão, pelos trabalhos de textos escritos, textos pintados e desenhos feitos com os mais diversos tipos de materiais, que naquela época, eram dados aos usuários de presente; e na sala de leitura preparava-se os contos referentes aos dizeres da exposição e muitos outros funcionários participavam das Horas do Conto.

Nas exposições a comunicação através das imagens visuais acontece de diferentes formas:

- 1) Através de imagens realistas – as fotografias.
- 2) Através de imagens esquemáticas, desenhos e ilustração de histórias

3) Através da linguagem simbólica – sinais de trânsito

4) Através de sinais abstratos – linguagem de artistas em suas artes

As diferenças no campo visual podem ser manifestadas nas tonalidades, na cromaticidade, na textura do material, do próprio ângulo de visão e muitos outros.

Algumas atividades vamos citar, se a minha memória assim o permitir.

- **Projeto “Viva São Paulo”, 435 Anos** – A exposição teve várias etapas, mostrando o crescimento da cidade de São Paulo, de suas origens até os dias atuais. Cidade de trabalho, que abriga todos os brasileiros e de outros rincões, sem distinção de raça, credo e que conviviam na mesma luta pela sobrevivência. Esta luta é que traduz a força de São Paulo. Constou de:

- Exposições de livros sobre diversos bairros de São Paulo e sua gente.
- Mostra de mapas históricos como a Carta da Capital de São Paulo, 1842 e mapas atuais.
- Uma exposição de 25 aquarelas de J. Vast Rodrigues, pintor paulista, dedicado a temas históricos. Sua obra tem alto valor documental pois os trabalhos são feitos a bico de pena. Exposição de diversos painéis com trabalhos de colagem, mostrando que São Paulo é uma cidade cheia de opções e mostrando o dia a dia dos cidadãos.

O evento foi uma maravilha e foi fotografado pela Gazeta da Zona Norte.

- **Projeto Aniversário da Biblioteca Infanto-Juvenil Narbal Fontes**, hoje, Biblioteca Pública Narbal Fontes. Constou de várias atividades: pintura, histórico, palestra sobre Filatelia pela EBCT (Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos), que relatou a história do selo desde o início, comemorando vários eventos, o valor do selo e a mensagem que ela contém. Contou com a exposição **“A Criança e o Mundo na Filatelia Internacional”** de 03 a 10 de março de 1989. Esta exposição foi premiada pela Divisão de Filatelia da EBCT (Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos), onde foram abordados diversos temas: A criança, brincadeiras, brinquedos tradicionais, Natal, Papai Noel, o circo e a literatura.

Muito importante foram as programações que se desenvolveram de junho a novembro em torno dos Direitos Humanos; do bicentenário da Revolução Francesa e da Declaração Universal dos Direitos do Homem e do Cidadão.

- **Projeto “Exposição Direitos Humanos”**: esse trabalho envolveu todos os funcionários da biblioteca. Foram confeccionados inúmeros trabalhos enviados ao Congresso Nacional e outros ficaram na biblioteca. Os trabalhos foram: colagens, pinturas e trabalhos escritos sobre os Direitos e muitos textos sobre os direitos das crianças. Foram trabalhados os seguintes: “Folia de Tres Reis”, de Sylvia Ortof, da coleção dos Dez Direitos das Crianças; o livro O Reizinho Mandão, de Ruth Rocha, Democracia dos Bichos, de Alexandre N. Peçanha.

Outra exposição foi o **Projeto Exposição 1789, comemoração da Revolução Francesa e da Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão**, constando de 33 painéis coloridos em tamanho reduzido, da exposição de 1789, que estava sendo exposta na França. Destaca-se dos painéis, o seguinte: A noite de 4 de agosto; jornada de outubro; o servente; a igualdade; a violência, a esperança; as três cores; a árvore da liberdade; a cidadania, a organização da justiça, a prisão da Bastilha, o mastro da aristocracia, as declarações do ano I e II em romano, a Declaração dos Direitos Humanos de 1789 a 1989.

A comunidade de Santana muito contribuiu para esse evento. Confeccionaram 3.000 folhetos da **Declaração dos Direitos Humanos e do Cidadão** e 3.000 da **Declaração Universal dos Direitos da Criança**. A exposição ficou montada de 14 de julho a 30 de novembro de 1989 e foi dirigida pelas funcionárias Alice e Célia. As outras escolas enviavam os alunos para pesquisar e anotar as informações expostas e levar os folhetos.

- **Projeto “Exposição Direitos da Criança”** – para que as crianças entendessem melhor os direitos das crianças, foi feito, para facilitar, uma adaptação destes direitos pelas escritoras Ruth Rocha e Tatiana Belinsky. Foram confeccionados posters desta adaptação e montados quadros próprios e foi montada na sala de pesquisa onde foi lida e relida por todos.

Considero as exposições muito importantes, como leitura visual que é e deve estar espalhada pela biblioteca inteira.

No mês da criança foram feitos três espetáculos de teatro de bonecos, com as peças: “No País dos Avessos” e mais dois espetáculos de mímica transformista. O espetáculo de mímica é muito bom porque a mímica relaxa, distrai e socializa. E utiliza o relacionamento de pessoas em grupo com outro conhecimento e criatividade.

Foi também apresentado o espetáculo, em 4 dias “A Folia dos Tres Bois”, em que as crianças recriaram a história à sua maneira. Absorvendo a essência (o conteúdo sobre os direitos humanos).

- **Projeto “Consciência Negra”**: Foi levantada uma bibliografia e documentos entregues aos professores para que eles trabalhassem com os seus alunos. Os trabalhos foram feitos em forma de narração ou de desenho, pelos alunos que frequentavam a biblioteca. Muitos trabalhos foram ensaios para a I Mostra de Narração Infanto-Juvenil Afro Brasileira, prêmio Zumbi dos Palmares, de 13 a 29 de novembro de 1989, para a Biblioteca Infanto-Juvenil Monteiro Lobato. O trabalho de conscientização foi bastante amplo. Foram contadas histórias dos negros, da escravidão e do surgimento dos Quilombos. Os trabalhos que mais se destacaram foram sobre Palmares e o seu líder Zumbi. As crianças confeccionaram os escravos com panos na cabeça e saias largas. Para as atividades lúdicas procurou-se introduzir a brincadeira “Escravos de Jó”.

Tivemos ainda naquela época exposições de quadros de pintura de um adolescente, Marcelo Casanova Fernandes e da senhora Maria Cândida Bernardes da Fonseca. As duas exposições foram individuais, com quadros de pintura a óleo, a guache, de nanquim, de grafite, outros feitos de pirógrafos e outros mesmos de sucatas e colagens. As obras tornaram o ambiente já mágico por natureza, bastante apreciado. Elas foram expostas no Sótão, o que deu um realce sem par. Foi uma descoberta nova para se expor os quadros, fotografia e mais obras trabalhadas pela criança.

Como já dissemos, as exposições eram importantes, pois envolviam diversos funcionários com diversas atividades e Horas do Conto, dando maiores informações de uma maneira diferente de ver o mundo que não a escrita. A exposição é leitura visual, de uma forma cada vez mais informativa, ilustrativa, com trabalhos feitos pelas crianças e de sua visão artística.

No **Projeto “Quero Ler, Trocando Idéias Participando”** foram criados diversos murais onde os usuários afixavam as suas mensagens e através do levantamento descontraído feita pela funcionária, ela procurava desenvolver um trabalho mais próximo da realidade, dos anseios dos jovens, dos desejos, através de leituras, pinturas, colagens, projeções de slides e debates. Os murais ficavam cheios de sugestões e grilos das crianças. Dentre eles

lembramos: “Solte a sua imaginação”, “Encucações sobre o Namoro”, “Se os seus direitos não estão sendo respeitados, botem a boca no trombone”.

As atividades de 1987 a 1989 visaram as comemorações de datas importantes que contribuíram de uma forma geral, para estimular a formação da mentalidade dos usuários, voltada para o exercício de sua cidadania. As comemorações tiveram como objetivo, festejar, reviver, participação e reflexão de cada criança e funcionários, das datas lembradas.

Todas as exposições são planejadas e integradas. Todas as salas participam delas. É um planejamento concentrado das diversas salas.

A integração era feita na pesquisa, com a consulta a respeito das palavras usadas na exposição; na sala de artes, lá no Sótão, pelos trabalhos de textos escritos, textos pintados e desenhos feitos com os mais diversos materiais, que naquela época eram dados para o usuário, de presente. Na sala de leitura, preparava-se os contos referentes, com os dizeres da exposição, pela chefe da sala e pelos alunos presentes, que também distribuía folhetos, a respeito da exposição. As exposições eram frequentadas por alunos que vinham das escolas para ver e copiar trechos dos textos para continuar a fazer o trabalho na classe.

E com isso tornar a biblioteca um lugar de afeto em direção à leitura por parte dos jovens e de ação cultural por parte dos funcionários.

O movimento na portaria em 1989 alcançou a quantidade de 53.409 frequentadores. E foram atendidos em consultas, pesquisas, 55.147; livros de ficção infantil e juvenil 12.466; outros materiais como: atlas, mapas, revistas infantis, recortes, discos infantis, num total de 6.950, perfazendo um total geral de 74.563 atendimentos.

Fizemos todos estes atendimentos enfrentando sempre dois fatores negativos: o espaço pequeno da biblioteca e o número insuficiente de funcionários para o dia a dia, para um atendimento ininterrupto de 10 horas, das 8:00 às 18:00 horas.

3.5. Relacionamento com os vizinhos

A relação entre a Unidade e a Comunidade sempre foi excelente.

Os comerciantes de Santana sempre estavam solícitos aos nossos pedidos.

O sócio da Eletrônica Santana forneceu-nos uma placa de tamanho grande de identificação da biblioteca, que além de bem feita, estava muito bonita.

Outros entre eles: Escola Cândido Portinari, La Portita, Copiadora Zona Norte, que colaboraram na confecção de folhetos.

Bom contato com a AR/ST por serviços de emergência na parte elétrica e hidráulica.

Contatos com o SESI e demais órgãos da região.

Contatos com a Secretaria do Bem-estar Social do Município de São Paulo.

Recebemos também do Centro de Juventude, antiga OZEN, com a qual foram desenvolvidos trabalhos em conjunto com os menores da AIC - Apoio à Iniciativa da Comunidade do Jardim Peri.

Mantivemos contato com as crianças da Casa Aberta. Começamos um serviço com a Casa Renascer. Frequentes contatos com a Gazeta da Zona Norte para divulgação dos projetos da biblioteca.

Tivemos contato com o Consulado Geral da França, para obtenção de material para comemoração do bi-centenário da Revolução Francesa.

Alice participou das Horas do Conto, no projeto Direitos das Crianças, efetuado na Biblioteca Infanto-Juvenil Monteiro Lobato, no trabalho Declaração Universal dos Direitos da Criança. E a chefia desta biblioteca esteve por quatro meses ajudando a BIJ 3-2 na supervisão deste projeto.

3.6. A Prática de contar histórias na Biblioteca Narbal Fontes

Convidamos Alice Bandini para responder um questionário de perguntas sobre a sua prática de contar histórias. Procuramos saber das suas experiências na sala de leitura e na biblioteca como um todo, quais foram as memórias armazenadas ao longo do tempo e que agora virão através da evocação da lembrança de fatos, atos e vivências dos seus longos 19 anos de trabalho em biblioteca pública. Uma grande parte foi ao meu lado, como minha colaboradora que se tornou uma grande narradora de histórias. Alice também ficou famosa pelas atividades lúdicas que desenvolvia após a contação de história, geralmente era o “teatro”.

A respeito do “contador é a palavra”, Alice nos disse: “De certa forma sim, pois cada narrador carrega consigo suas próprias experiências de vida quando narra uma história e isso fica evidente na escolha do repertório e na forma como é passado aos ouvintes. No entanto, esse contador-palavra ficará na memória como o transmissor, mas o conteúdo será absorvido de formas diferentes por cada ouvinte que agregará aquela experiência vivida às suas próprias”.

Alice fala em especial dos ouvintes “Criaturas do Sótão” (informação verbal/ abril 2016):

Que se envolviam, para encontrar um novo texto para ser debatido. Eles criaram um grupo de teatro. Ficaram tão importantes que se apresentaram em sete bibliotecas da região norte em São Paulo. O grupo adorava teatro. Cumpre dizer que o grupo queria mesmo era fazer teatro. Como meu objetivo era leitura e eu queria uma participação espontânea nas atividades (o que não é nada fácil na maioria das bibliotecas), aceitei o desafio e utilizei o teatro para atingir os nossos objetivos.

Além de atividades corporais, de expressão oral e exercícios de improvisação, fazia parte das atividades a leitura de contos infantis, juvenis e da literatura brasileira com a intenção de preparar a apresentação do final do ano.

Os contos eram lidos, debatidos, resumidamente apresentados para avaliar a possibilidade de adaptar para a encenação.

Os contos de fadas, que muitos não conheciam, surtiram um efeito interessante, pois descobriram que não eram apenas “historinhas para crianças” e que tinham um conteúdo fantástico. Outro destaque foi o encantamento provocado pelas histórias de Malba Tahan. Cinco contos dele foram lidos, debatidos e dois foram encenados.

Falando a respeito dos direitos da criança, nos disse Alice: “Foi por ocasião do lançamento dos Direitos das Crianças, durante o governo da Prefeita Luiza Erundina. Nos foi apresentado um livro que continha várias histórias que abordavam o tema. Dentre elas, eu escolhi para contar “Somos todos iguais”, que, para alguns, era um tema bastante delicado. Mas, como acredito nisso levei até o fim. A história foi selecionada por abordar a igualdade de direitos independente de raça, cor, religião, nível social e político.

A equipe de contadores reuniu-se para preparar as histórias, e tivemos retornos maravilhosos, inclusive com público de cegos e surdos, que nos

proporcionaram perceber e desenvolver outras habilidades para contar histórias para qualquer público.

A sequência da apresentação era a seguinte:

1. Conversar sobre os Direitos das Crianças e destacar o que seria trabalhado: no caso, a história referia-se à igualdade de tratamento das diferenças entre cor, religião, etc.
2. Comentar sobre as cores representadas pelas máscaras;
3. Distribuir as máscaras, de cores diferentes, que representavam os brancos, negros, orientais e indígenas. Para cada grupo depois, foi adaptada uma cantiga de roda infantil para que se apresentassem. Exemplo: Eu sou branco, branco, branco, de marré, marré, marré... E eu quero ser feliz, de marré, merci.
4. Comentar sobre a violação desse direito de maneira geral;
5. Contar a história, que havia momentos de interação, especialmente num momento de sonho, em que deveríamos atravessar o oceano para chegar na África. As crianças escolheram várias formas de atravessar esse oceano imaginário.
6. A história também falava de paz entre os povos. Então, um globo foi criado onde, em seu interior, era encontrada a Árvore da Paz que fazia um apelo às crianças, pedindo que elas deixassem recados para aqueles que ainda não haviam descoberto essa igualdade, afinal, as cores das pessoas podem ser diferentes o que é melhor ainda, afinal, o mundo é muito mais bonito colorido.
7. Conclusão: Apesar de ser a história mais “séria”, foram criados momentos de descontração e alegria para passar o conteúdo. Mensagens foram escritas pelas crianças que ficaram expostas durante um bom tempo na Biblioteca Monteiro Lobato.

Relembrando os fatos de sua infância (seu imenso quintal) e também os fatos da juventude para seu desenvolvimento como pessoa humana, isso ajudou-a bastante para ser uma excelente contadora de história, que não decora seus textos... “Tenho que mergulhar na história, estar lá... Para narrar o que acontece”.

Para o desenvolvimento de sua personalidade, foi muito importante lembrar os fatos de sua infância, do seu imenso quintal, e assim, ela nos revela do que vem à sua memória. E assim Alice nos conta (informação verbal/2016):

Cresci ouvindo e vivendo histórias que fossem contadas por meu pai, por minha mãe e depois por minhas irmãs. Íamos recriá-las no quintal, fossem as histórias da família, que eram muito interessantes e a dos livros. Fui premiada ao ter participado na juventude de um movimento de jovens na paróquia, que não se limitava a catequisar, mas onde eram criados outros eventos culturais. Muitas histórias pessoais para contar, já é uma boa bagagem para ser uma contadora de histórias. Ter ouvido muitas histórias, ajudou a desenvolver minha percepção do mundo, minha criatividade e o prazer da leitura. O que sou hoje, é o resultado de tudo isso.

Continuando com a série de perguntas sobre a Hora do Conto, quais os principais itens que você, Alice, considera de fundamental importância para o bom desenvolvimento da sala de leitura?

O acompanhamento da sala de leitura deve ser direto e sem interrupções, sempre no mesmo horário. Para os trabalhos de contação de histórias produzirem sim, frutos, é necessário: a persistência, a regularidade, o compromisso e a continuidade.

Línum dos seus artigos: “Rumo de uma escolha: a arte de contar histórias e a biblioteca pública”; p. 94. “Meu pai deixou-me como tesouro, uma pequenina mostra do que me aguardava na imensidão de riquezas que encontrei nesse caminhar. Riquezas que não são só minhas e que pedem para ser compartilhadas sem preconceitos. Nesse compartilhar surgiram pessoas com dons e habilidades diferentes; porém, em São Paulo, a experiência vivida como contadora de histórias na biblioteca de bairro e a que vivo na equipe de programação da Coordenadoria de Bibliotecas me mostram que acreditar é:

- a pá para cavar o terreno onde está o provável tesouro;
- formação é o adubo para fortalecer e enfrentar as intempéries;
- curiosidade é a possibilidade de perceber cantinhos ainda não explorados do terreno;
- paciência é não deixar de acreditar, apesar de não encontrar resultados imediatos;
- ternura, a chave para desenterrar o tesouro e, finalmente, amor, para poder usufruir, anos depois, dos frutos.”

No final de alguns meses, Alice já achava prazeroso intermediar o acervo cultural infanto-juvenil porque ele é rico em textos e ilustrações. No seu depoimento, ela nos diz: “Muito prazeroso, principalmente no que se refere ao

acervo da literatura infantil brasileira, que é riquíssima em qualidade de texto e ilustrações. Quando as crianças e também jovens mergulham na exploração desses livros nos enchem de perguntas e colocam seus pareceres, gerando ótimas conversas e debates. Lembro-me de um período na sala de leitura, que alguns garotos frequentadores, criticavam demais o uso de brincos pelos rapazes, que na época passou a ser moda. Gerou muita discussão e decidi “baixar” das estantes vários livros que retratavam o vestuário masculino pelo tempo. Nem preciso dizer que o efeito foi maravilhoso e o olhar deles sobre o tema mudou completamente.”

Alice contou-nos também a sua sensação de contar qualquer história pela primeira vez. “É como estrear uma nova peça teatral, uma ansiedade muito grande. Me preparo para fazer uma determinada entrada, etc. Na hora, a dinâmica do evento muda e nos obriga a agilizar a preparação, sem intervalos, sem concentração, o que acaba por interferir no roteiro previsto e não no que foi idealizado”.

Sobre o contador contemporâneo, Alice coloca que:

“Nossa! Quantas vezes já me perguntaram isso, e quanto é difícil de responder, pois na minha caminhada já cruzei com várias vertentes – contador de raiz – o narrador propriamente dito – a narrativa com elementos cênicos – o personagem narrador. Não aprecio “o contador caricato”, como já tive oportunidade de assistir. Me incomoda, faz-me sentir diminuída.

Hoje, meu olhar me leva a crer que há espaço para todas as manifestações onde a narração esteja incluída. A diferença principal deve-se ao objetivo do evento proposto. Há eventos onde a diversidade é muito bemvinda, promovendo várias linguagens artísticas. Noutros, a palavra e tão somente a palavra é mais importante.

Se o público é mais maduro culturalmente, basta a palavra e o contador que a leva.

Infelizmente a maioria do povo brasileiro não é habituado a apenas ouvir – querem shows. Mesmo que o ouvir possa provocar um show nas idéias. Estamos numa fase de construção do ouvir. Um passo de cada vez é necessário, mesmo que seja necessário criar uma “brincadeira de ouvir” para que essa percepção seja mais valorizada.” Continuando, diz que “O contador de histórias na minha opinião, deve se preocupar mais com a magia que a

narrativa traz do que com os efeitos especiais para atrair a atenção. O efeito especial maior está no conteúdo da história narrada.

Com muitos livros bons, narradora preparada para o seu mister de contar história e um pessoal habilitado, um ambiente harmonioso, a contação de história faz abrir as portas e as janelas desse grande casarão, para descobrir, cada vez mais, a Leitura e com isso conseguimos aumentar a frequência não só da sala de leitura, bem como da biblioteca como um todo.

“Acordamos o que estava adormecido e em nossas memórias. Porque as histórias são como as viagens pelo interior das pessoas, afeto, sonho e verdade. Verdade profunda, como a que habita o sonho”. (Angela Finardi, 2014). Então Estrella Ortiz diz que “um conto é um grande espelho que é a vida” (2004, p. 105).

Conclusões

Sabemos que a memória dos homens provém da experiência. A aprendizagem é fundamental para o funcionamento da memória. Adquire-se o conhecimento através das experiências para que a memória se encarregue de guardá-las e de lembrá-las.

Para cada estado emocional há um funcionamento hormonal e neuro-humoral. A liberação destas substâncias (hormônios) depende do estado emocional ou do ânimo.

Gravamos melhor e dificilmente esquecemos as memórias de alto conteúdo emocional.

De nossas boas lembranças, recordamos que a contação de história, desperta cada vez mais o gosto de ler, ler, ler. Para sua existência, estabelecendo o equilíbrio de vida e com isso, como diz Ivan Izquierdo, em seu livro “A arte de esquecer” 2005, p. 56:

“Lendo se aprende, estabelecendo, praticando o funcionamento da nossa capacidade de memória e garantindo uma maturidade e mais tarde uma senilidade, menos penosa.” Continuando, 2005,p.53, “Por isso é tão útil a leitura, para mantê-la ativa “refrescá-la ou lubrificá-la”.”

Estamos neste trabalho desfrutando de memórias passadas.

Eu, particularmente, agradeço à Deus por ter uma boa visão da minha memória. Posso reviver um grande prazer e lembrar de eventos e de pessoas que fizeram parte da minha vida. Se fizermos uma revisão em minha vida, poderemos colocar o passado e o presente em perspectiva. Fico orgulhosa de lembrar o passado e tornar-me viva para mim mesma e para os outros. As memórias vão se firmando através das experiências realizadas.

A pessoa do mediador que também pode ser o narrador é de máxima importância na sala de leitura da biblioteca. Estar junto com as crianças e jovens é ser criança novamente, é pensar jovem outra vez. Voltar a ser criança é reviver e reelaborar o passado no presente.

A atitude do mediador é muito importante pela sua persistência, pela sua bondade, pela sua animação, por sua afetividade, muito altruísmo e dedicação para as crianças e jovens.

O mediador procura cativar e envolver todas as coisas e reúne todo o material permitido. E assim o mediador vai criando um clima favorável ao

desenvolvimento pela leitura e, conseqüentemente, a formação do hábito de ler em cada leitor, revivendo o seu mundo infantil “Fazer sempre de novo”.

Cabe aqui as palavras de Walter Benjamin, em seu livro Reflexões: A criança, os brinquedos e a educação. (1984:p.75) “Benjamin conceitua o brincar. A criança volta a criar para si, o fato vivido, começa mais uma vez do início... A essência do brincar não é um fazer como “ser”, mas “um fazer sempre novo”, transformação da experiência mais comumente num hábito. Continuando diz: “Pois é o jogo e mais nada, que dá a luz todo hábito”. “Todo hábito entra na vida como uma brincadeira e mesmo com as suas formas enrijecidas sobrevive um restinho do jogo até o final”.

O componente fundamental da experiência é: sua capacidade de formação e transformação. É a experiência que “nos passa, nos acontece e nos toca”. Hoje não se vê as experiências. Tudo passa e as experiências tornam-se cada vez mais raras por diversos motivos:

- Excesso de informação
- Excesso de opinião
- O periodismo que é a informação mais a opinião, também é destruidor da experiência
- A experiência cada vez mais rara devido a falta de tempo
- O excesso de trabalho tem prejudicado as experiências
- As crianças não podem transitar pelas ruas para ir à biblioteca. Somente de condução. As famílias não tem condição financeira para pagar o transporte.
- A falta de estímulo dos professores para a contação de histórias
- As crianças hoje só querem saber de: vídeo-games, smartphones, discos... é a era digital.

“O sujeito da experiência é um sujeito “exposto”. Do ponto de vista da experiência, o importante não é nem a posição (nossa maneira de pormos), nem a “o-posição” (nossa maneira de opormos), nem a “imposição” (nossa maneira de impormos), nem a “proposição” (nossa maneira de propormos), mas a “exposição”, nossa maneira de “ex-pormos”, com tudo o que isso tem de vulnerabilidade e de risco. Por isso é incapaz de experiência aquele que se põe, ou se opõe, ou se impõe, ou se propõe, mas não se ex-põe.” (Larossa)

Em nossa recordação nós não íamos saber de imediato aquilo que fizemos ao longo do tempo, pois:

“não me havia acontecido

não me havia passado

não me havia tocado”

E, tudo, foram experiências que foram guardadas em nossa memória, através da prática, da aprendizagem e da transformação. Diz Larossa:

“Que o valor da experiência se dá na relação entre o conhecimento e a vida humana, singular e concreta”.

Bartolomeu Campos de Queirós (2012), p. 81-82, em seu livro “O fio da palavra”, afirma que a memória é o novelo do fio da vida:

“A vida é um fio.

A memória é um novelo.

Enrolo – no novelo da memória –

O vivido e o sonhado

Se desenrolo o novelo da memória,

Não sei se tudo foi real

Ou não passou de fantasia.

Realidade e fantasia mesclam-se na memória. A concretude e a interpretação da realidade que vivemos, daquilo que vivemos e sonhamos, é que constituem a nossa história”.

Referências bibliográficas:

A ARTE de encantar: O Contador de Histórias Contemporâneo e seus Olhares / Lenice Gomes, Fabiano Moraes, Org. Ilust. Tati Mões. 1. ed. – São Paulo: Cortez, 2012.

BANDINI, Alice. Rumos de uma escolha: a arte de contar histórias e a biblioteca pública. In.: A arte de encantar: o contador de história contemporâneo e seus olhares. /Org. Lenice Gomes e Fabiano Moraes, ilust. Tati Mões. 1 ed. – São Paulo: Cortez, 2012.

_____ .Como tudo começou: origem e trajetória do curso básico para contadores de história. In.: Teia de experiências: reflexões sobre a formação de contadores de histórias. Ana Luísa de Mattos Masset Lacombe. Org, São Paulo; CSMB, 2013. Pags. 9 – 15.

BACHELARD, Gaston. A filosofia do não, o novo espírito científico: poética do espaço. São Paulo: Abril Cultural, 1978. p. 32.

_____ . La poethique de lareverie. 2. ed – Paris.: PUT, 1961. p. 3.

BARBOSA, Ana Mae. A Arte da Educação no Brasil: realidade hoje, expectadores futuros. Estudos avançados. São Paulo: v. 3 n. 7, 1989. p. 170 – 172.

_____ . As Mutações do Conceito de Práticas. In.: Inquietações e Mudanças no Consumo da Arte. São Paulo: Cortez Editora, 2002. p. 13 a 15.

BENJAMIN, Walter. O Narrador. In.: Os Pensadores. Textos Escolhidos de W. Benjamin, Max Horta, Herner, Theodor W. Adorno, Junger Habermas. São Paulo: Abril Cultural, 1986.

_____ . Reflexões: A criança, o brinquedo e a educação. Trad. Marcos Vinicius Mazzane. São Paulo: Summus, 1984.

BELINKY, Tatiana. Nem tudo é bom, 10 a 15%, Talvez. In.: D.O. Leitura, Cultura, no. 152, fev, 1966.

BRICOUT, B."LesBeauParleurs". Le Monde, Paris, 02/04/1994.

CAMARA, Sory. Gens de la parole, essai sur a condicion et larôledesgriot das lasocietémalunké. Paris: Mouton, 1976.

CAMARGO, Luís. Livro de Imagens, Alfabetização Visual e Narrativas. Leitura, Teoria e Prática. São Paulo: Papyrus e Mercado Aberto, 10 (7): 7 – 23, junho. 1991.

CAMPOS, Giuliano. Trabalho de Voz e Corpo. Zigent e Molik: O legado de Jorge Crotovisky. Trad. de Julia de Barros. São Paulo: Realizações, 2012.

CANDAU, Joel. Memória e Identidade: do indivíduo às retóricas. Trad. Maria Letícia Ferreira. São Paulo Contexto, 2012. p 21-24.

CARVALHO, João Alberto Amaral. São as bibliotecas infantis de São Paulo Guias de Vocação e Escolas de Consumo. O maior bem. In.: Diário de São Paulo, São Paulo, 12/10/1952.

CASCUDO, Luís Câmara. A Civilização e a Cultura. Belo Horizonte: Italiana, 1983.

_____ . História de nossos gestos. São Paulo: Ed. Universidade de São Paulo, 1987.

_____ . Literatura Oral no Brasil. São Paulo: Ed. Universidade de São Paulo, 1987.

Chauí, Marilena de Souza. O elogio do livro ou a teimosia do livro. São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura, 20/07/1990.

CHUKOVSKY, Kornei. Frontwoto Five. San Francisco: University Califórnia, Poss, 1963.

CONTAR Histórias: uns passarão e outros passarinhos. Org. Fabio Henrique Nunes Medeiros, Mauricio Brocaia Veiga, Faizão Marco Morales, SC: Editora Universidade, 2015.

CORTÁZAR, Julio. Valise do Cronocópio. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1974.

COUTO, Mia. E se Obama fosse africano?. São Paulo, Companhia das Letras, 2011.

FINARDI, Angela. Os centros de energia de base do corpo na preparação vocal do performer. Dissertação de Mestrado – teatro. Santa Catarina: Universidade de Santa Catarina, Florianópolis, 2014. F. 170.

FOGLER, Janet. Melhorando a memória: como se lembrar do que você está começando a esquecer / Janet Floger, Linn Stern; tradução Aline Naomi Sasaki. São Paulo: Madras, 2010.

FREIRE, Paulo. Ação Cultural para a Liberdade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977, p 24. In.: Moreira, Ana Angélica. O Espaço do Docente, a Educação do Educador. São Paulo Loyola, 1989. p 127.

GIORDANO, Alexandra. Contar Histórias: um recurso arteterapêutico de transformação e cura / Alexandra Giordano. São Paulo: Artes Médicas, 2007. p 168.

GRILLO, N. Histórias da Tradição Oral. Rio de Janeiro: dições Derviche, 1996.

HESSE, Herman. O Anão. In.: O livro das Fábulas. Rio de Janeiro: Record,1975.

HUIZINGA, Johan. Homo Ludens. Trad MONTEIRO, João Paulo. São Paulo: Perspectiva, 2008.

IZQUIERDO, Ivan. Memória. 2ª. ed ver ampl, Porto Alegre, Artmed, 2011.

_____.A arte de esquecer: cérebro, memória e esquecimento. 1ª. reimpressão. Rio de Janeiro: Vieira &Lent, p. 205, 2005.

KATZ, Lawrence C. Mantenha o cérebro vivo: exercícios neuróbicos para ajudar a prevenir a perda de memória e aumentar a capacidade mental / Lawrence C. Katz, Manning Rubin: tradução de Alfredo Barcelos Pinheiro de Lemos. Rio de Janeiro: Sextante 2000.

Bondia, Jorge Larossa. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. Conferência I Seminário de Educação de Campinas. In.: Revista Brasileira de Educação. São Paulo, Universidade Estadual de Campinas. Departamento de Linguística, jan/fev/março/abril 2002 no. 19. p 20-28.

_____. Aprender de Ouvido. In.: Linguagem e Educação depois de Babel. Belo Horizonte: Autentica Editora, 2004 p. 39.

_____. A Linguagem e Educação depois de Babel. Jorge Larossa, trad. por Cynthia Faria, 2ª. ed, Belo Horizonte: Autentica Editora, 2004.

LIVRO de IMAGEM Alfabetização visual e narrativa. In.: 8º. COLE (Congresso de Leitura do Brasil). Leituras autônomas e trabalhos da cidadania. Anais. Campinas: ALB, 1992. p 121-122.

MACHADO, Regina. A arte da palavra e da escrita; colagens de Adriano Peliano. São Paulo ed. Reviravolta 2015. p 43.

MALONE, Michael S. A guardiã de todas as coisas: uma história épica e biográfica da era da superinformação. Michael Malone; tradução Claudia Gerpe Duarte, Eduardo Duarte, 1ª. ed, São Paulo: Cultrix 2014.

MATOS, Gislaine e Immosorcy. O ofício do contador de histórias. São Paulo: Martins Fontes, 2005. p 35.

_____,Avelar. A palavra do contador de histórias. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

MORAIS, Frederico. A arte é o que eu e você chamamos arte. Rio de Janeiro: Record, 1988 p 41-42.

MUNIOL, Yi. Poet. Paris ArtSud. 1982.

ORTIZ, Estrela. Ler, interpretar, recitar... In.: GIRARDELLO, Gilka. Org. Baús e Chaves da Narração de Histórias. Santa Catarina / Florianópolis, Sesc, 2004.

PEÑALOSA, Henrique. As bibliotecas precisam competir com os shoppings. Em Folha de São Paulo 13 de novembro 2001: Projeto Mega bibliotecas.

PERROTTI, Edimir. Confinamento Cultural, Infância e Leitura. São Paulo: Summus, 1990. 110 p (Novas buscas de educação Vol 38).

QUEIROZ, Bartolomeu Campos de. O Fio da Palavra. São Paulo: Galeria Recorde 2012.

QUIROGA, H. “La retorica delcuento”. In.: Sobre Literatura e Obras Inéditas y Desconocidas. Montevideo: Arca 1970 v. 7 p. 44 a 117.

RANGANATHAN, S. R. As cinco leis da ciência da biblioteconomia. Mochas: Ásia PublishingHouse, , 1963.

ROGÉRIO, Cristiane. O Livro Infantil: aula, pós/maio 2015/Turma 6.

SANTOS, Jorge Ferreira dos. O que é pós modernidade. São Paulo, Brasiliense, 1997 p 86.

SAWVER, Ruth. La narracion de cuentos em art popular. In.:Colecion de textes para narradores orales. Cuba: Adagio, 2008.

SHEDLOK, Marie L. El art de contar cuentos. Málaga, Sírio, 2001.

ZIRALDO, Alves Pinto. Ação Cultural. In.: Seminário de Animação Cultural e da Leitura. Belo Horizonte: Secretaria Municipal de Cultura. S. D.

ZUMTHOR, Paul. Introducion a lapoesieorale.Paris, Seuil, 1983. 324p.

_____. Introdução à poesia oral. São Paulo. Husitex, 1997

_____. A Letra e a Voz: A literatura medieval. Tradução Amálio Pinheiro, Janice Pires Ferreira. São Paulo, Companhia das Artes, 1993. Pag. 19.

**WINICOTT, W. O. O Brincar e a Realidade. São Paulo: Imago editora.,
1975, p 80.**

ANEXO

Entrevista com Alice Aurora Bandini Tavares de Campos

1. Qual foi a sua impressão primeira quando teve de trabalhar na sala de leitura? Sua infância influenciou?

Era uma sala onde pouquíssimos entravam e me perguntei: - “O que farei aqui?”. Porém, e primeiro lugar, tratei de buscar os livros que haviam marcado minha infância que foi uma experiência emocionante, pois encontrei as mesmas edições, que, certamente, me fez viajar no tempo e depois, iniciei um processo de conhecimento do acervo, considerando que só poderia indicar as leituras se soubesse o que havia ali.

2. Você leu em voz alta as histórias durante muito tempo. Como foi essa experiência?

Curiosa. No princípio não havia notado, mas, houve um momento que ler uma história de uma antiga edição, por exemplo, surtiu um efeito estranho nos ouvintes, uma vez que algumas palavras do texto tinham, na linguagem popular, adquirido outro significado, me obrigando, em alguns momentos a discutir a questão e/ou mudar a palavra por um sinônimo.

Um momento forte foi quando, ao ler um conto para adolescentes, tive de dizer um palavrão que lá constava e um garoto, assíduo frequentador... indignado.. levantou-se e disse: - “Impossível! Isso não pode estar escrito aí”. Reli o trecho, mas ele só se convenceu quando leu ele mesmo o texto. O lado positivo foi o debate que se seguiu a respeito.

Esses fatos vividos contribuíram para que eu fosse mais seletiva na hora de escolher o que ler em voz alta.

3. Você lembra como foram as horas de histórias com as crianças menores em que você ia mostrando as ilustrações? O que isso significa para você e para as crianças?

Foi um enorme desafio pra mim, lidar com os pequenos. Na primeira tentativa tentei contar a história mostrando as ilustrações, o que causou uma reação nas crianças que, querendo ver de perto, foram se chegando, chegando....até quase me sufocarem e comprometendo a “performance”. Essa situação em especial fez com que eu me dedicasse a preparar a história para conta-la sem o livro. Eu o apresentava às crianças, mas....o acesso a ele acontecia após a narração.

Por outro lado, outros livros só de imagens estimulavam a criatividade delas e acabei por preparar algumas histórias utilizando trilha sonora e as imagens, para depois brincarmos. Foram ótimas experiências e olhares.

4. Qual a sua melhor orientação: da leitura em voz alta ou leitura, apresentação do texto de cor?

Eventualmente a leitura em voz alta – depende do público. Texto de cor para mim é muito difícil – não decoro nada. Tenho de estudar a história e fazê-la parte de mim para depois contar com minhas palavras.

5. Quais as diferenças que você percebe em contar só para uma criança, para poucas ou para uma classe inteira?

Quando conto para apenas uma criança, meu tempo é todo dedicado a ela, e ela tem a liberdade de escolher o que quer que eu leia e/ou conte. (Para mim, ler para uma criança também é contar).

Quando é um grupo pequeno, costumo contar a história e a grande diferença é no aproveitamento na atividade pós-contação. Tenho mais tempo para observar, orientar e ouvi-las.

Quando o grupo é muito grande, o desgaste do contador, às vezes, é muito grande, pois sempre há os “desinteressados” que gostam de tumultuar, o que exige que nossas antenas criativas estejam ligadas o tempo todo para não dispersar a atenção de todos. Na atividade pós história, caso ocorra, também a atenção individual será prejudicada, no entanto, há grupos que são fantásticos e histórias que ajudam muito – nesses casos, histórias que permitam maior participação do grupo durante a narrativa.

6. Como você prepara uma história?

- 1- Selecionar textos cujos títulos me atraíam;
- 2- Ler todos;
- 3- Selecionar os que achei mais interessantes;
- 4- Rer e fazer nova seleção;
- 5- História escolhida – Rer; copiá-la uma ou mais vezes ; escreve-la na íntegra e/ou por etapas; marcar textos que considero mais relevantes; escreve-la novamente; conta-la em voz alta o quanto for necessário.
- 6- Verificar se há ou não necessidade de inserir algum elemento cênico – porquê, o que, para que.
- 7- Preparar a apresentação pensada.

7. Qual a liberdade que os contos da tradição oral oferecem para o seu trabalho?

Liberdade de narrativa.

8. Tinha liberdade de ação e interpretação na escolha e na execução de seus textos e atividades?

Sim. Tive a felicidade de contar com chefias que tinham consciência dessa necessidade para que o trabalho fluísse bem. Vez ou outra alguma escola pedia um determinado tema para trabalhar com os alunos, mas nunca foi exigido UMA determinada história. Tinha liberdade para escolher.

9. Como se deu o processo de criação de seu texto?

Acredito que essa resposta esteja contida na resposta da questão 6. Mas, além do processo para chegar no ponto para eu contar, tenho de considerar o que minha experiência de vida me diz sobre aquilo. Não dá para dissociar. O “m eu texto” só poderei contar se tiver significado para mim.

10. Como contadora de histórias o que mais a influencia na sua ação no ato de contar: o corpo, o olhar, a voz, e Às vezes o silêncio?

Quando iniciei, sentia mais necessidade de incluir elementos -hoje sei que funcionava como “um respiro” para que eu pudesse me guiar e relembrar o texto

caso necessário. Depois concentrei-me mais nas possibilidades que meu próprio corpo oferecia e gostei muito disso, com ótimos resultados. O silêncio tem seus momentos. Depende do texto. Às vezes mais, outras menos.

Hoje, utilizo um pouco de tudo – objetos para “marcar” etapas ou ilustrar determinada cena e/ou a cultura de origem da história... o corpo todo e suas possibilidades, o silêncio.

11. O escutar histórias é muito importante? Você pode nos explicar o porquê?

Fundamental. É um exercício para criar suas próprias imagens sobre o que ouve, para depois associar com a realidade que te cerca e pensar sobre isso, além da relação que se estabelece entre quem ouve e quem fala, que, será para sempre parte de mim. Se sou boa ouvinte, também sei o que necessito para ser boa contadora de histórias.

12. O “Brincar “ é importante em sua atividade?

Sim, especialmente no que se refere a trabalhar com crianças. Gosto muito de “brincar de teatro” após as histórias, quando possível, o que já me proporcionou momentos deliciosos e muito ricos em conteúdo e retorno anos depois, como o caso de um garoto, aluno do segundo grau, durante minha fase de estágio na área de Educação Artística, nas escolas. Perguntei se algum deles já tinha alguma experiência em teatro e ele levantou-se e narrou uma experiência vivida no ensino fundamental, numa das visitas à biblioteca, que era, justamente, a encenação de um trecho da história que eu havia narrado. Aparentemente simples, aquela “brincadeira” foi importante na vida dele.

As brincadeiras populares também são bem vindas, mas a escolhida brincadeira sempre é associada à história narrada de alguma forma.

13. E o trabalho artístico desenvolvido pelas crianças após ouvir a história?

Parte da resposta está na pergunta anterior, mas, o desenho também foi parte integrante de minhas ações como atividade complementar à contação de histórias. Nele fica muito claro qual foi o maior impacto que a história trouxe a cada um, como, por exemplo numa história que trabalhei, em que “o portal” constava no desenho de todas as crianças.

Vivencia interessante foi durante as apresentações do Grupo Criaturas do sótão, que se apresentaram em 7 bibliotecas da região Norte de São Paulo. A personagem de maior sucesso, que as crianças mais procuraram para abraçar no final das apresentações mudava de uma unidade para outra, o que revelava muito da condição social da região. Numa delas o “vilão” da história foi quem deu mais autógrafos.

14. Voce concorda que “o próprio contador é a palavra”? Pode nos dizer qual sua opinião:

De certa forma sim, pois cada narrador carrega consigo suas próprias experiências de vida quando narra uma história e isso fica evidente na escolha do repertório e na forma como é passado aos ouvintes. No entanto, esse contador-palavra ficará na memória como o transmissor, mas o conteúdo será absorvido de formas diferentes por cada ouvinte que agregará aquela experiência vivida às suas próprias.

15. Quais os itens que você considera ser de fundamental importância para o bom desenvolvimento da sala de leitura? (Copiar do livro “A Arte de encantar” – pagina 94)

No livro “A Arte de encantar” – O contador de histórias contemporâneo e seus olhares, organizado por Lenice Gomes e Fabiano Moraes, encerro meu artigo, de forma que deva responder a essa questão. Transcrevo o texto: *“Meu pai deixou-me, como tesouro, uma pequenina mostra do que me aguardava na imensidão de riquezas que encontrei nesse caminhar. Riquezas que não são só minhas e que pedem para ser compartilhadas sem preconceitos. Nesse compartilhar surgiram pessoas com dons e habilidades diferentes; porém, em São Paulo, a experiência vivida como contadora de histórias na biblioteca de bairro e a que vivo na equipe de programação da Coordenadoria de Bibliotecas me mostram que acreditar é a pá para cavar o terreno onde está o provável tesouro; formação é o adubo para fortalecer e enfrentar as intempéries; curiosidade é a possibilidade de perceber cantinhos ainda não explorados do terreno; paciência é não deixar de acreditar, apesar de não*

encontrar resultados imediatos; ternura, a chave para desenterrar o tesouro e, finalmente, o amor, para poder usufruir, anos depois, dos frutos”.

16. É prazeroso intermediar o acervo cultural infanto juvenil, promovendo a cada dia, mais e mais leituras e aumentando a capacidade crítica e reformulando outras histórias?

Muito prazeroso, principalmente no que se refere ao acervo da literatura infantil brasileira, que é riquíssima em qualidade de texto e ilustrações. Quando as crianças e também jovens mergulham na exploração desses livros nos enchem de perguntas e colocam seus pareceres, gerando ótimas conversas e debates.

Lembro-me de um período na sala de leitura, que alguns garotos frequentadores, criticavam demais o uso de brincos pelos rapazes, que na época passou a ser moda. Gerou muita discussão e decidi “baixar” das estantes vários livros que retratavam o vestuário masculino pelo tempo. Nem preciso dizer que o efeito foi maravilhoso e o olhar deles sobre o tema mudou completamente.

17. Como os ouvintes “As Cristuras do Sótão” se envolviam no preparo para um novo texto para depois ser debatido. Pode nos contar a respeito dessa fase de sua vida?

Cumprir dizer que o Grupo queria mesmo era fazer teatro. Como meu objetivo era leitura e eu queria uma participação espontânea nas atividades (o que não é nada fácil na maioria das bibliotecas), aceitei o desafio e utilizei o teatro para atingir os nossos objetivos na biblioteca.

Além de atividades corporais, de expressão oral e exercícios de improvisação, fazia parte das atividades a leitura de contos infantis, juvenis e da literatura brasileira com a intenção de preparar a apresentação do final do ano.

Os contos eram lidos, debatidos, resumidamente apresentados para avaliar a possibilidade de adaptar para a encenação.

Os contos de fadas, que muitos não conheciam, surtiram um efeito interessante, pois descobriram que não eram apenas “historinhas para crianças” e que tinham um conteúdo fantástico. Outro destaque foi o encantamento provocado pelas histórias de Malba Tahan. Cinco contos dele foram lidos, debatidos e dois foram encenados.

18. O que faria você não contar uma história?

O conteúdo não ter significado nenhum para mim, que contenha um discurso explícito de uma determinada linha doutrinária e com conteúdo pedagógico.

Gosto de contar histórias que estimule as pessoas a pensar por si e tirar suas próprias conclusões.

19. Como você considera o seu trabalho de contadora? Diversão, missão, trabalho ou outros?

Um pouco de tudo. Quando vejo apenas como trabalho, o desgaste é intenso.

Já aconteceu de ser missão, como no Festival em que , por mais que tentasse não consegui me desvincular dos “Contos do Vampiro”. Foi uma experiência incrível – senti como missão – por algum motivo tinha de contar histórias desse livro, embora não tivesse identificado o porquê. Fiz o melhor que pude, com prazer.

O prazer de passar uma história que o mundo conta é o que mais me move.

O que se segue é consequência.

20. Como as crianças reagiram ao ouvir histórias sobre “O Direito das Crianças”? Conte-nos como foi?

Foi por ocasião do lançamento dos Direitos das Crianças, durante o governo da Prefeita Luiza Erundina. Nos foi apresentado um livro que continha várias histórias que abordavam o tema. Dentre elas, eu escolhi para contar “Somos todos iguais”, que, para alguns, era um tema bastante delicado. Mas, como acredito nisso levei até o fim. A história foi selecionada por abordar a igualdade de direitos independente de raça, cor, religião, nível social e político.

A equipe de contadores reuniu-se para preparar as histórias, e tivemos retornos maravilhosos, inclusive com público cego e surdos, que nos proporcionaram perceber e desenvolver outras habilidades para contar histórias para qualquer público.

A sequência da apresentação era a seguinte:

8. Conversar sobre os Direitos das Crianças e destacar o que seria trabalhado: no caso, a história referia-se à igualdade de tratamento entre cor, religião, etc.

9. Comentar sobre as cores representadas pelas máscaras;
 10. Distribuir as máscaras, de cores diferentes, que representavam os brancos, negros, orientais e indígenas. Para cada grupo depois, foi adaptada uma cantiga de roda infantil para que se apresentassem. Exemplo: Eu sou branco, branco, branco, de marré, marré, marré... E eu quero ser feliz, de marré, de ci.
 11. Comentar sobre a violação desse direito de maneira geral;
 12. Contar a história, que havia momentos de interação, especialmente num momento de sonho, em que deveríamos atravessar o oceano para chegar na África. As crianças escolheram várias formas de atravessar esse oceano imaginário.
 13. A história também falava de paz entre os povos. Então, um globo foi criado onde, em seu interior, era encontrada a Árvore da Paz que fazia um apelo às crianças, pedindo que elas deixassem recados para aqueles que ainda não haviam descoberto essa igualdade, afinal, as cores das pessoas podem ser diferentes o que é melhor ainda, afinal, o mundo é muito mais bonito colorido.
 14. Conclusão: Apesar de ser a história mais “séria” , foram criados momentos de descontração e alegria para passar o conteúdo. Mensagens foram escritas pelas crianças que ficaram expostas durante um bom tempo na Biblioteca Monteiro Lobato.
-
21. Na performance narrativa a sua criação depende somente do contador, em seu mundo ou ela vai ser só texto, só corpo, só objetos de maneira unida ou separada?
Um pouco de tudo. O que me dirá o quê, será a própria história.
 22. Você decora os seus textos? Por que?
Não. Tenho dificuldade de decorar – me sinto prisioneira na verdade. Se decoro, preocupo-me mais em não perder a palavra do que com a história. Soa falso.
Também não gosto de ouvir textos decorados. É melhor lê-los.
Tenho é de mergulhar nela....estar lá...para narrar o que acontece.
 23. Como criar uma relação com o público?
Pergunta difícil. Depende do ambiente, do público presente, do objetivo do evento.
Quando trabalhava na biblioteca e contar histórias era uma atividade do dia-a-dia,

iniciava com as boas vindas, apresentação da biblioteca, depois do livro, às vezes com uma brincadeira.

Noutros eventos, tento criar um clima, um ambiente propício para provocar a concentração do público, despertando a curiosidade, em especial quando o espaço é público.

Já criei um cenário e simplesmente entrei narrando a história, após breve introdução musical e um breve silêncio

Gosto muito de conversar com o público, especialmente adultos, promovendo o livro escolhido e contando o porquê aquela história foi a escolhida.

Promover o interesse pela leitura sempre foi um dos meus principais objetivos.

24. Qual a sensação de contar qualquer história pela primeira vez? Você fica surpreendida ao surgir uma forma de narrar diferente da ensaiada e bastante estudada?

Contar uma história pela primeira vez, especialmente para público adulto é como estreiar uma nova peça teatral – ansiedade muito grande. Me preparo para fazer determinada entrada, etc... e na hora, a dinâmica do evento muda e me obriga a agilizar a preparação, sem intervalo, sem concentração, o que acaba por interferir no roteiro previsto e no que foi idealizado.

Mesmo assim, ocorreu certa vez eu contar uma história pela primeira vez e, durante a narração, ter a sensação de que alguém me puxava para trás o tempo todo. Terminei exausta. Quando acabei parecia que eu havia contado só para mim mesma.

No entanto, uns dois anos depois, conversando com outra contadora e contando esse fato, fui surpreendida quando ela disse que ouvira uma história contada por mim e tudo que ela se lembrava do evento era da minha voz e de uma frase da história que foi, naquela ocasião, importante pra ela. Pois era justamente a história da minha performance que eu acreditava ter sido um desastre.

25. Quando você termina de contar uma história a sua apresentação foi a mesma que você criou inicialmente?

Nem sempre. Isso varia muito, dependendo da reação do público presente.

26. Voce acredita que foi importante relembrar fatos de sua infância – de seu imenso quintal. Também os fatos da juventude para o seu desenvolvimento como pessoa humana? E isso ajudou bastante para ser uma excelente contadora de histórias?

Cresci ouvindo e vivendo muitas histórias, fossem as contadas por meu pai e que depois minhas irmãs e eu íamos recriá-las no quintal, fossem as histórias de família, que eram muitas e interessantes. Fui premiada em ter participado na juventude de um movimento de jovens na paróquia, que não se limitava a catequizar, mas onde eram criados muitos eventos culturais. O fato de ter começado a trabalhar muito cedo (14 anos), também contribuiu para isso. Muitas histórias pessoais para contar já é um treino para ser uma boa contadora de histórias.

Ter ouvido muitas histórias desenvolveu minha percepção de mundo, minha criatividade e o prazer pela leitura. O que sou hoje, é resultado de tudo isso.

27. Como você descreveria um contador de histórias na nossa época?

Nossa! Quantas vezes já me perguntaram isso, e quanto é difícil de responder, pois na minha caminhada já cruzei com várias vertentes – contador de raiz – o narrador propriamente dito – a narrativa com elementos cênicos – o personagem narrador.

Não aprecio “o contador caricato”, como já tive oportunidade de assistir. Me incomoda, faz-me sentir diminuída.

Hoje, meu olhar me leva a crer que há espaço para todas as manifestações onde a narração esteja incluída. A diferença principal deve-se ao objetivo do evento proposto. Há eventos onde a diversidade é muito bem-vinda, promovendo várias linguagens artísticas. Noutros, a palavra é mais importante. Se o público é mais maduro culturalmente, basta a palavra e o contador que a leva.

Infelizmente a maioria do povo brasileiro não é habituado a apenas ouvir – querem shows. Mesmo que o ouvir possa provocar um show nas ideias, estamos numa fase de construção do ouvir. Um passo de cada vez é necessário, mesmo que seja necessário criar uma “brincadeira de ouvir” para que essa percepção seja mais valorizada.

O contador de histórias na minha opinião, deve se preocupar mais com a magia que a narrativa traz do que com os efeitos especiais para atrair a atenção. O efeito especial maior está no conteúdo da história narrada.

Para ilustrar: recentemente, na Biblioteca Hans Christian Andersen, narrei um conto de fadas para um grupo de crianças entre 6 e 9 anos. No final da narrativa um garoto bradou: -“Nossa! Mas essa história é uma lição de vida!”.

E só precisei da palavra.

Alice Bandini

Abril/2016